



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLITICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**LOS DISCURSOS DE JOSE MUJICA Y EL COMERCIO EXTERIOR DE
URUGUAY EN EL PERIODO DE 2010-2015**

Florencia Natalia Olivera Martini

**Foz do Iguaçu
2017**

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLITICA
(ILAESP)**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS E
INTEGRAÇÃO**

**LOS DISCURSOS DE JOSE MUJICA Y EL COMERCIO EXTERIOR DE
URUGUAY EN EL PERIODO DE 2010-2015**

Florencia Natalia Olivera Martini

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Marcelino T. Lisboa

**Foz do Iguaçu
2017**

**LOS DISCURSOS DE JOSE MUJICA Y EL COMERCIO EXTERIOR DE URUGUAY
EN EL PERIODO DE 2010-2015**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcelino Teixeira Lisboa - UNILA

Prof. Dr. Fernando Gabriel Romero Wimer - UNILA

Prof. Dr. Félix Pablo Friggeri - UNILA

Foz do Iguaçu, 29 de novembro de 2017.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) dia(s) 29 do mês de NOVEMBRO do ano de 2017 realizou-se a apresentação pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado LOS DISCURSOS DE JOSE MUTICA Y EL COMERCIO EXTERIOR DE URUGUAY (2010-2015) apresentado pela discente FLORENCIA NATALIA OLIVEIRA MARTINI, do curso RELACIONES INTERNACIONALES E INTEGRACION. Os trabalhos foram iniciados às 16 h 00, pelo(a) docente orientador(a) MARCELO TEIXEIRA LISBOA presidente da banca examinadora, juntamente com o(a) docente FERNANDO GABRIEL ROMERO, e o(a) docente FELIX PABLO FRIGGERI.

Observações da Banca Examinadora:

PARA A VERSÃO FINAL: INCLUIR OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS E APLICAÇÕES TEÓRICAS QUE PERMITAM COMPREENDER A DINÂMICA CAPITALISTA MAIS RECENTE E AS ESPECIFICIDADES DO CAPITALISMO URUGUAYO.

A Banca Examinadora, ao término da apresentação oral e da arguição do acadêmico, encerrou os trabalhos às 17 h 30. Os examinadores atribuíram as seguintes notas:

orientador(a)	nota final:	<u>9,5</u>	Média final: <u>9,5</u>
docente	nota final:	<u>9,5</u>	
docente	nota final:	<u>9,5</u>	

Proclamado o resultado pelo presidente da banca examinadora, encerraram-se os trabalhos e, para constar, eu MARCELO TEIXEIRA LISBOA lavrei a presente Ata que assino juntamente com os demais membros da banca.

Foz do Iguaçu, 29 de NOVEMBRO de 2017.

Assinaturas:

<p>MARCELO TEIXEIRA LISBOA PROF. MAGISTÉRIO SUPERIOR SIAPE 2117219</p>	<p><u>Fernando ROMERO</u></p>	<p><u>Felix PABLO FRIGGERI</u></p>
--	-------------------------------	------------------------------------

DEDICATÓRIA

Dedico este trabajo de conclusión de curso a mis padres por el apoyo que me han brindado en estos cuatro años desafiantes, a mi novio por la paciencia y apoyo incondicional, y a mi profesor orientador, que me incentivaron e hicieron posible la conclusión de este trabajo.

AGRADECIMENTOS

A mi orientador por el desafío de trabajar conmigo en español y el incentivo de continuar y dar lo mejor de mí.

A mis padres por la confianza y ánimo que siempre me han brindado.

A mis hermanas por la compañía, amistad y cariño.

A mi novio por el aguante en los días de estrés y correría.

A los profesores participantes de la mesa por el aporte de informaciones valiosas para este trabajo.

A los profesores que indirecta o indirectamente han contribuido para que esto sea posible.

A los profesores y compañeros del curso y amigos que me han acompañado en esta etapa importante de mi vida.

Epígrafe

“A hegemonia em todas suas manifestações, explícitas ou implícitas, em momentos anteriores e no atual, qualquer que seja a sua elevada justificação, é baseada na política de poder e na mentalidade de dominação despótico facilitado por uma política internacional e por uma ordem económica desiguais.” (SHOU-GUANG e XIAN, 2003).

OLIVERA MARTINI, Florencia Natalia. LOS DISCURSOS DE JOSÉ MUJICA Y EL COMERCIO EXTERIOR DE URUGUAY EN EL PERIODO DE 2010-2015. Año 2017. Páginas 54. Trabajo de Conclusión de Curso - Relaciones Internacionales e Integración - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017.

RESÚMEN

Este trabajo examina las ideas expresadas en los discursos del presidente uruguayo en el período de 2010 a 2015, José Pepe Mujica, para verificar, como hipótesis empírica, si las relaciones comerciales de su gestión están de acuerdo con sus discursos. La hipótesis teórica complementa a la anterior, siendo estas variables teóricas que la condición periférica y de dependencia de Uruguay, hizo con que el país tuviera relaciones comerciales internacionales que no iban en favor de lo que el presidente considera como ideal para el país. Se utilizan datos, del Instituto de Promoción de Inversiones y Exportaciones de Bienes y Servicios, sobre las exportaciones e importaciones, y los discursos de José Mujica de asunción, en la AGNU, en Mercosur, en la CELAC, en Río+20 y de fin de mandato. En la estructura, el trabajo comienza en su capítulo uno con conceptos utilizados para el análisis, continuando con análisis de gráficos y algunos discursos de Mujica durante su mandato. Partiendo desde el análisis del sistema mundo, en ese trabajo se mira Uruguay como un país periférico y dependiente, que es construido a lo largo del texto. Por ello, este análisis es importante para el estudio de las Relaciones Internacionales, porque permite comprender mejor la realidad de los países débiles y dependientes dentro del sistema internacional, teniendo la intención de contribuir a los debates existentes en el siglo XXI, de los países Latinoamericanos y prepararlos para que estén preparados y se fortalezcan en cooperación. Se concluyó que, más allá de que José Mujica tenga ideales que van en contra de sus decisiones en la política comercial de Uruguay en su gestión, de no dar continuidad a las políticas comerciales que mantienen al país, puede traerle graves consecuencias al país, debido a su dependencia económica.

Palabras-clave: Comercio; Cooperación; Dependencia; Periferia.

OLIVERA MARTINI, Florencia Natalia. OS DISCURSOS DE JOSÉ MUJICA E O COMÉRCIO EXTERIOR DO URUGUAI NO PERÍODO DE 2010- 2015. Ano 2017. Páginas 54. Trabalho de Conclusão de Curso - Relações Internacionais e Integração – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017.

RESUMO

Este trabalho examina as ideias expressadas nos discursos do presidente uruguaio no período de 2010 a 2015, José Pepe Mujica, para verificar, como hipótese empírica, si as relações comerciais da sua gestão estão de acordo com os seus discursos. A hipótese teórica complementa à anterior, sendo estas variáveis teóricas que a condição periférica e de dependência do Uruguai, fez com que o país tivesse relações comerciais internacionais que não estavam em favor com o que o presidente considera como ideal para o país. Se utilizam dados, do Instituto de Promoção de Inversões e Exportações de Bens e Serviços, sobre as exportações e importações, e os discursos de José Mujica de assunção, na AGNU, no MERCOSUR, na CELAC, em Río+20 e de fim de mandato. Na estrutura, o trabalho começa no seu capítulo uno com conceitos utilizados para a análise, continuando com a análise de gráficos e alguns discursos de Mujica durante seu mandato. Partindo desde a análise do sistema mundo, nesse trabalho se enxerga o Uruguai como um país periférico e dependente, que é construído ao decorrer do texto. Por isso, esta análise é importante para o estudo das Relações Internacionais, porque permite compreender melhor a realidade dos países devedores e dependentes dentro do sistema internacional, tendo a intenção de contribuir aos debates existentes no século XXI, dos países Latino-americanos e prepara-los para que estejam preparados e se fortaleçam em cooperação. Se concluiu que, além de que o José Mujica tenha ideias que vão contra das suas decisões na política comercial do Uruguai na sua gestão, de não dar continuidade às políticas comerciais que mantem ao país, pode lhe trazer graves consequências ao país, devido à sua dependência econômica.

Palavras-chave: Comércio; Cooperação; Dependência; Periferia.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Exportaciones de Uruguay por producto	26
Gráfico 2: Importaciones de Uruguay por producto	27
Gráfico 3: Exportaciones de Uruguay, principales destinos.....	28
Gráfico 4: Importaciones desde los principales países de origen.....	29
Gráfico 5: Principales productos exportados por Uruguay hacia China.....	30
Gráfico 6: Principales productos importados por Uruguay provenientes de China.....	31
Gráfico 7: Principales exportaciones uruguayas a Estados Unidos.....	32
Gráfico 8: Principales importaciones Uruguayas desde Estados Unidos.....	32
Gráfico 9: Principales productos exportados por Uruguay hacia Argentina.....	33
Gráfico 10: Principales productos importados por Uruguay	34
Gráfico 11: Principales productos exportados por Uruguay hacia Brasil	34
Gráfico 12: Principales productos importados por Uruguay desde Brasil	35

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	10
INTRODUCCIÓN	10
1 CUESTIONES CONCEPTUALES	12
1.1 EL CONTEXTO DE LAS PERIFERIAS	14
1.1.1 Dependencia a partir de Raul Prebisch	20
2 COMERCIO DE URUGUAY Y LOS DISCURSOS DE MUJICA.....	26
2.1 ECONOMIA DE URUGUAY	26
2.2 DISCURSOS DE JOSÉ MUJICA	38
2.2.1 El discurso de asunción al gobierno (2010)	39
2.2.2 El discurso en la CELAC (2011).....	41
2.2.3 Río + 20: discurso de 2012.....	42
2.2.4 Discurso de la AGNU en 2013.....	44
2.2.5 Discurso de 2014 en el MERCOSUR	46
2.2.6 Discurso de finalización de mandato (2015).....	48
CONCLUSIÓN.....	50
BIBLIOGRAFÍA.....	52

INTRODUCCIÓN

Este trabajo examina las ideas expresadas en los discursos del presidente uruguayo en el período de 2010 a 2015, José Pepe Mujica, para verificar si la dirección para la cual su gobierno apuntó en sus relaciones comerciales están de acuerdo con lo que el ex presidente discursaba. La hipótesis empírica es que la dirección de sus relaciones comerciales está en desacuerdo con los discursos de José Mujica, o sea, hay una incongruencia entre el discurso y la práctica. La hipótesis teórica es complementaria a la hipótesis empírica, teniendo la intención de explicar porque tal incongruencia ocurre. En ese sentido, la hipótesis que se basa en las variables teóricas que es que, en el período del gobierno de José Mujica, la condición periférica y dependiente de Uruguay hizo que el país tuviera relaciones comerciales internacionales diferentes a las que el presidente consideraba el ideal para el país.

En la estructuración del trabajo, primeramente, se presentan los conceptos utilizados, seguidos de la presentación y análisis de datos referentes a las importaciones y exportaciones de Uruguay, finalizando con el abordaje de los discursos de Pepe Mujica. En el primero capítulo son exploradas bibliografías y en el segundo el énfasis es en los datos primarios, tanto los cuantitativos, así como los discursos, que son datos primarios textuales.

Con relación a los conceptos utilizados, el abordaje del sistema mundo, con foco en la existencia de un centro y de una periferia en el sistema mundial, es la base de la discusión. De manera complementaria, son desarrollados conceptos como los de dependencia, desarrollo y la discusión sobre imperialismo, aunque esta última no sea central para el análisis realizado.

Sobre los datos referentes al comercio uruguayo, estos fueron extraídos de la plataforma electrónica Uruguay XXI, producida por el Instituto de Promoción de Inversiones y Exportaciones de Bienes y Servicios, entidad pública no gubernamental, creada en 1996 por la Ley de Presupuesto. Se trata de datos oficiales, que componen las fuentes primarias numéricas de esa investigación. Son utilizados datos referentes a las exportaciones e importaciones uruguayas, a partir del año 2001, por dos motivos. El primero se refiere a la propia disponibilidad de las informaciones, que están accesibles a partir de ese período. El segundo motivo es que, mismo que el análisis esté centrado en el período de gobierno de Mujica, de 2010 a 2015, es importante utilizar datos de periodos anteriores para una mejor contextualización de la discusión.

En relación a los discursos, fueron elegidos diferentes años y diferentes órganos institucionales para abarcar una mayor diversidad de las ideas de Mujica. El discurso de posesión en el cargo de presidente, de 2010, fue extraído de una transcripción en el sitio de la web que es una base de datos de documentos jurídicos, en cuanto que el discurso de 2011, en la CELAC, fue extraído de un sitio semejante, que disponibiliza textos políticos. El discurso de Mujica en la conferencia del medio ambiente Rio+20, en 2012, está disponible en la página electrónica oficial de la presidencia de Uruguay y el discurso de 2013 está en la plataforma de la Asamblea General de las Naciones Unidas. Para los discursos de 2014 en el Mercosur y de 2015 del fin de mandato, no se tuvo acceso a los documentos escritos, pero sí a los vídeos disponibles en internet.

El abordaje de este trabajo es de gran importancia en el mundo actual, debido a que permite comprender la realidad de un país en particular, que es débil ante los países desarrollados, debido a su condición de dependencia. Esta condición se da por encontrarnos en un sistema global, compuesto por centros y periferias, en que estos centros colocan presiones a las periferias, además de la dependencia que se crea en base a esa presión ejercida. Es así como se presentan grandes desigualdades económicas y políticas principalmente, llevando a injusticias entre los países en la práctica, en que los países en desarrollo no están en condiciones de exigir. Los regionalismos pueden ser un fuerte para los países periféricos, aun así, cada país como nación, tiene sus propios intereses, además la ambición del hombre hace que busque el modo de aplastar al más vulnerable.

A través del mercado el país busca salir adelante, tratando de ir superándose, para en un futuro conseguir inserirse más en el mundo del mercado, apoyándose en la cooperación de los países de la región como una gran unidad. Entendiendo que los países centros son los que tienen más poder y pueden influir, lo prioritario es el fortalecimiento como región y la preparación, para enfrentar a esos centros y proteger el territorio latinoamericano.

Así, este trabajo tiene la intención de contribuir para la discusión conceptual y empírica de una problemática relacionada a muchos de los países latinoamericanos, además de enriquecer el debate sobre la política y la economía de Uruguay en el siglo XXI.

1 CUESTIONES CONCEPTUALES

Lo que se puede afirmar es que no hay teorías mejores ni peores, si lo que hace la teoría es estudiar un problema a partir de determinado enfoque, utilizándose de determinadas variables. Sin más, no existen teorías que lo expliquen todo, sino que explican partes de la realidad en la que vivimos. Además de las teorías, es posible utilizar un conjunto de conceptos para guiar una investigación. Este es el caso del presente trabajo. En este estudio, se utilizan los conceptos de sistema mundo y de dependencia como herramientas para realizar el análisis.

En cuanto a los centros y las periferias, es un tema muy importante para este estudio, debido a que nos explica cómo está compuesto el mundo globalizado en el que nos encontramos, con los países más poderosos ocupando el centro del sistema, mientras que los más débiles están localizados en la periferia (WALLERSTEIN, 2004, p. 9). Raúl Prebisch, por su vez, trata de las cuestiones de la dependencia, que es definida como el dominio económico y tecnológico de los países centro sobre los periféricos (PREBISCH, 2011, p. 636). Aunque la discusión sobre dependencia no está todavía desligada del desarrollo, en este estudio se utiliza solo la cuestión de la dependencia, que va a hacer el aporte conceptual junto con los conceptos de centro y periferia.

Más allá del abordaje que se utiliza en ese texto, hay autores que tratan de temas que están en la tangente de esta investigación. Economías sin control generan aumento del poder de las empresas y la concentración de la riqueza en manos de unos pocos, causando injusticias. Actualmente, los gobiernos tienen determinados controles, pero, al mismo tiempo reciben presiones y exigencias por parte del mercado. Los que más sufren son los países periféricos, presionados por los imperialistas. Esto ha causado conflictos en el mundo, de África y Medio Oriente, por ejemplo, que están siendo saqueados por los países centros como cita Julio Barboza. En búsqueda de sus recursos, los países del centro violan sus derechos y no solamente los derechos humanos, sino que también los derechos a su soberanía (BARBOZA, p. 22).

Los países que tienen más riquezas son los que gobiernan, pero no solamente los países centros gobiernan por sobre los demás, sino que las empresas también gobiernan, porque cuando sus intereses son afectados, por medio del Estado presionan a los periféricos. Los gobiernos de los países en donde están estas empresas también se benefician y por eso prestan su apoyo (ARGANDOÑA, 2007, p. 9).

Esto es lo que se ve reflejado en el periodo de José Mujica en Uruguay (2010-2015), en el que había en Uruguay un gobierno de izquierda, con un presidente con ideales bien críticos en relación al capitalismo. Más allá de ayudar a la clase más baja de la sociedad, de acuerdo a su ideología, tenía que ayudar también a las empresas y al comercio, porque por más que sus intenciones no iban de acuerdo con el sistema, de no aplicar lo que el sistema está acostumbrado, posiblemente iba a jugar muy en contra del futuro del país, además de crecer una gran oposición hacia su gobierno (SCHNEIDER, 1999). Esta es una cuestión importante cuando se estudia a los países periféricos, que poseen limitaciones en sus acciones.

Hay casos de gobiernos que tomaron medidas vistas como un gobierno diferente en la búsqueda de una sociedad más justa. Los casos de Irak y Cuba pueden ser ejemplos. Pero, los países centro adoptaron medidas de cierre de mercado, entre otras cosas. Tales medidas pueden dividir a la opinión de la población y causar otros problemas a los gobiernos. Esto ocurre porque sus intereses están siendo afectados (BARBOZA, p. 22). Una paradoja puede evidenciar porque ciertos gobiernos, entre ellos el de José Mujica, muchas veces actúa en contra de sus ideales. Si la condición dependiente tiene influencia dentro de los países de la periferia, muchas acciones de gobierno sirven para proteger la estabilidad económica y la seguridad. Para José Barboza, si Uruguay hubiera querido cerrar las fronteras y crear un modelo de economía cerrada, no tendría como sustentarse, pues es demasiado dependiente del exterior (BARBOZA, p. 23-30).

A título de reflexiones teóricas, es importante citar que el mundo se comportará de esta manera hasta que no cambie el sistema. Se ha visto que el sistema internacional, con base capitalista, no genera justicia e igualdad, pero sí, concentración de poder y riquezas en manos de unos pocos. El sistema debe de cambiar, en vista de que nadie está dispuesto a ceder nada, porque la mentalidad de las personas y de los Estados está formada para adquirir riquezas. Por tanto, dentro de este sistema debe haber un cambio estructural, sin querer proponer paraísos con turbulencias ocultas, que nos llevarán a lo mismo que hay

A continuación, se hace la descripción de los conceptos utilizados en este trabajo.

1.1 EL CONTEXTO DE LAS PERIFERIAS

El sistema mundo es el espacio en donde se dan las relaciones internacionales y tiene la característica de ser un sistema capitalista, que está compuesto por los países del centro, periferias y semi-periferias. Al encontrarnos en un mundo globalizado en el que todas las relaciones se dan en un mismo espacio, los países del centro, periferias y semi-periferias, tienen una posición en el mismo. Esta posición se determina en base a su industrialización, que está relacionada a la idea de países desarrollados y subdesarrollados

Los países centro son los que concentran todas las riquezas, las industrias y por tanto en torno de los que gira la economía. Los países periféricos, son los que intentan estar presentes en el sistema mundo, pero por su condición de pobreza, de subdesarrollo, por carecer de las industrias, sirven como los espacios de explotación, de donde se extraen los recursos y materias primas, demandadas por los países del centro.

En el intento por industrializarse o por alcanzar el desarrollo, hay países que, a pesar de no estar en el centro del sistema, están en mejor posición que los países subdesarrollados. Ellos tienen una condición más favorable que los periféricos y son llamados de semi-periféricos.

En los años 1970, tiempos en que las periferias generaron endeudamientos muy perjudiciales para sus economías, dan lugar a la década pérdida de 1980, año en que ocurrió una globalización y se acentuó el proceso de circulación del capital. Se dieron polarizaciones tanto en los centros como en las periferias, haciendo que los salarios se reduzcan en ambas, pero permitiendo por otro lado, enriquecimiento de algunos otros dentro de las mismas. Así, dentro de las periferias comienzan a industrializarse, lo que las convierte en semi-periferias (MARTÍNEZ, 2011, p. 40-41).

De este modo la semi-periferia en un mundo global, se puede entender como una etapa intermedia entre el centro y la periferia. Pero estas son determinadas como tal, principalmente por factores económicos, siendo que muchas veces queda la duda de si realmente hay un desarrollo, quizá sea solo económico y no en los demás sentidos en esos países (MARTÍNEZ, 2011, p. 42-43). De acuerdo a Javier Martínez:

[...] como concepto empírico, la Semi-periferia debería manifestar la articulación entre la acumulación auto-centrada y la acumulación extravertida tal y como la exige

el capitalismo global: expansión del ámbito del valor de cambio y de la ganancia capitalista manteniendo la brecha producción/consumo (MARTÍNEZ, 2011, p. 48).

Más allá de esto, las semi-periferias, no son centro, ni pueden serlo, porque carecen de elementos, como fuerza militar, concentración de capital, entre otras, propias del desarrollo que poseen los centros (MARTÍNEZ, 2011, p. 48).

Pero Wallerstein trata al sistema mundo, relacionado con lo económico, separando los centros de las periferias, siendo los centros los que concentran las riquezas y las periferias las regiones dependientes de estos centros. Los países del centro son los que explotan la mano de obra y los recursos naturales de los países periféricos. Dentro de este sistema mundo, por ser enfocado en el capitalismo, los países periféricos tienen limitado su desarrollo económico, debido a que los centros, son los que concentran todos los recursos tecnológicos necesarios para poder desarrollarse. En pocas palabras, se desarrollan a costas de los países periféricos, dominando las materias primas y además las riquezas que consiguen adquirir por sus productos industriales (WALLERSTEIN, 2004, p. 137-138). La relación de países del centro y periferias, es propio de la estructura de este sistema y en base a esta estructura, es que se desarrolla el capitalismo.

Esta asociación que se hace, al entender a las periferias como dominadas por los centros, remonta a la época colonial, en que los colonizadores veían como incivilizadas a las periferias, del mismo modo que se ven como atrasadas a las periferias respecto de los centros. Así, se impone un sistema jerárquico, en otro contexto, pero a semejanza de lo que sucedió en la época de las colonias. Sin embargo, en ambos casos lo hacen por la atracción que tiene hacia las periferias (BEAUCHESNE, 2013, p. 13).

Esta discusión no está apartada del debate sobre disputa de poder, y así éstos están vinculados al imperialismo político, que es el canal por el que se manejan las estrategias dentro del sistema internacional. Vladimir Lenin trata al imperialismo como una fase que está por encima del capitalismo o el capitalismo desarrollado. Este imperialismo consiste en una competencia por los mercados, que según el autor caracteriza como la decadencia del capitalismo, como una transición de un sistema a otro (LÉNIN, [1917] (2011), p. 160-166).

En la actualidad, el imperialismo económico lo adquieren los Estados a través de las empresas, que actúan apoyados por sus gobiernos, mientras los gobiernos toman medidas políticas para no perjudicar a sus empresas, habiendo un beneficio mutuo, incluso por ser las empresas las que mueven la economía. Cuando los Estados adoptan medidas de libre

competencia comercial, están aportando a que se creen los monopolios, debido a que las empresas más pequeñas van a ser las aplastadas por las grandes empresas.

En la fase superior del capitalismo hay un reparto del mundo de los monopolios. Pero, surgirá un problema que se presenta cuando los recursos se terminen, iniciará un enfrentamiento entre los monopolios, porque van a buscar sus intereses siempre y nadie va a querer que sus intereses sean perjudicados (LÉNIN, [1917] (2011), p. 197-203). En base a lo que se trata en este trabajo, es importante decir que la estrategia que los más poderosos, o países centro, manejan al sistema internacional, que abarca también los monopolios, está ligada a la distribución de esos factores en una lógica de centro y periferia, en la cual, por supuesto, Uruguay está insertado. Cabe acá el abordaje de Cohen, para el cual el imperialismo es un “tipo de relaciones internacionales caracterizadas por una asimetría particular, la asimetría de dominación y dependencia”, es decir, que se influye sobre el comportamiento y por ende “*A forma do imperialismo pode ser o controle direto, por meio da extensão da soberania política, ou indireto, com penetração econômica e pressões diplomáticas ou militares*” (SAGGIORO, 2010, p. 157).

Debido a esto, es que “La historia del capitalismo se caracteriza por una creciente brecha entre estados ricos y pobres, una brecha que se distingue por el hecho de que los estados ricos crecen, en buena medida, por medio de la explotación de otras naciones” (BELLAMY, 2006, p. 458).

Al vincular los temas tratados hasta aquí, retomando a Immanuel Wallerstein, que relaciona al sistema mundo con las relaciones de poder, es que se puede decir que hay una relación de dependencia, en que los países de donde provienen los monopolios son los que tienen la riqueza y por tanto son los que dominan e imponen las reglas. Los que no son los dominados, son los explotados por los centros. Así se ve el tema de las relaciones en la división del trabajo, pero llevada a un nivel internacional, lo que es muy presente en la fase del mundo globalizado (WALLERSTEIN, 2004, p. 149-152).

No tan vinculado a las cuestiones tratadas en este trabajo, pero de gran importancia, es la cuestión del dominio cultural, que es un reflejo también de la época colonial. Hubo una discriminación a las culturas de América Latina, para así imponer la cultura dominante, siguiendo entonces con la lógica de su dominio. Pero de todos modos sigue habiendo una multiculturalidad existente entre la población latinoamericana (BEAUCHESNE, 2013, p. 14-17).

En el contexto de las discusiones de cuestiones del imperialismo, de la dependencia y del tema de los centros y las periferias, surge la idea de países de tercer mundo, siendo así clasificados los países periféricos, que son los subalternos del mercado mundial. Los países semi-periféricos son aquellos en vías de desarrollo, que tienen el objetivo de llegar a ser desarrollados como los países del centro. Esta es la lógica de un sistema capitalista, dentro del cual cada uno tiene su posición en el sistema mundo, siendo esto fundamental para que el sistema pueda seguir desarrollándose (WALLERSTEIN, 2004, p. 138-139).

Sobre esto, Martínez cuestiona a los cepalinos y la escuela de la dependencia, que creen que, si se eliminarían a las periferias, se debilitará el carácter estructural centro- periferia (MARTÍNEZ, 2011, p. 33). Es con la estructura de centro y periferia, que se da la división internacional del trabajo y aquí surge una discusión respecto de la estructura productiva y comercial vinculada al imperialismo (MARTÍNEZ, 2011, p. 33):

La concepción comercialista C/P es la que explica el deterioro de los términos de intercambio para las economías primario-exportadoras por los “motivos de demanda” (especialmente la elasticidad-ingreso), y explica bien la relación asimétrica de especialización manufacturera de la metrópoli con la agrícola/minera de la colonia. Esta DIT fue propia del imperialismo, pero al mantenerse con la independencia de las colonias, permitía seguir explicando el bloqueo periférico y la incapacidad de crecimiento, y deducir que la alternativa sólo sería posible mediante la consolidación de su mercado interno. (MARTÍNEZ, 2011, p. 34).

Pero, para Martínez, en un sistema global como el que se vive en la actualidad, no hay cabida para la estructura de centros y periferias, debido a que hay países con situaciones diferentes, que no se amoldan a ninguna de las dos, dentro de la nueva división internacional del trabajo. Wallerstein y Arrigui, por ejemplo, definen el carácter historicista, que: “[...] va definiendo las posiciones de los países en el sistema a partir de su quehacer en la cadena de la DIT en términos, también, de comercio internacional” (no hay que olvidar que para esta escuela el capitalismo existe desde la existencia del comercio de mercancías) (MARTÍNEZ, 2011, p. 35).

Esta visión comercialista da paso a una visión productiva, para ellos:

El deterioro de los términos de intercambio para las economías primario-exportadoras se explicaba con el doble pivote de los valores de uso (características de la demanda de los productos básicos) y de los valores de cambio (condiciones institucionales de

absorción de los aumentos de productividad y su impacto consiguiente en los precios) (MARTÍNEZ, 2011, p. 35).

En esta visión, Martínez no solamente toma elementos económicos, sino que también otros más, basándose en el pensamiento de Samir Amín, ya que:

[...] ofrece la posibilidad de articular, previa diferenciación, los niveles histórico, económico-estructural e institucional-fenoménico del desarrollo, en la conocida caracterización del desarrollo capitalista en el Centro como autónomo (dimensión histórica), auto-centrado (dimensión estructural) y modernizador (instituciones y bienestar material) (MARTÍNEZ, 2011, p. 36-37).

Hay un cambio en cómo se define el centro de la periferia y no solamente importa lo que se produce, sino en cómo se produce. Al ver que en los centros también se pueden producir productos de primera clase y en periferias productos de segunda clase, por ejemplo, se pasa a analizar más las cuestiones de las clases sociales, los elementos endógenos y exógenos del subdesarrollo y la interiorización de la dependencia (MARTÍNEZ, 2011, p. 37).

Los estudios del desarrollo se basan en:

[...] (i) la especialización productiva y exportadora, con su expresión en la balanza de pagos; (ii) la dependencia financiera (por la fuga crónica del excedente potencial, en términos de P. Baran); (iii) la fragilidad de la estructura social e institucional (extrema desigualdad, con sus efectos de pobreza y miseria); etc. Se han venido configurando, así, las diversas tipologías periféricas, siempre como economías estatal-nacionales, explicando entonces su posición en un sistema inter-nacional o inter-estatal (MARTÍNEZ, 2011, p. 37).

Entre toda esta situación es que gana fuerza la globalización, que busca a partir de un nuevo sistema capitalista global suplantar al internacional, pasando de una división internacional del trabajo a una división global del trabajo, llevando todas las relaciones a la mundialización (MARTÍNEZ, 2011, p. 37).

Para Martins, el sistema mundo se puede dividir en tres interpretaciones. Siendo la primera, que el sistema mundo y el sistema capitalista son lo mismo; la segunda que el sistema mundo es más amplio que el sistema capitalista; el tercero que el sistema mundo es más amplio que el sistema capitalista y que se mueve desde varios centros de poder que cuestionan el eurocentrismo, que es en la cual el autor va a hacer más énfasis, por ser de las tres

interpretaciones la más completa y la que más se aplica a América Latina (MARTINS, 2013, p. 332-335), entendiéndolo que:

[...] el sistema-mundo es una realidad humana variada y constituida por elementos muchas veces irreductibles unos a otros (como estamos presenciando por los conflictos religiosos en la actualidad), y que el desarrollo es un concepto elástico que revela las tensiones constitutivas del sistema mundo en la dinámica del tiempo lineal, que es el del progreso tecnológico, por un lado, y del tiempo circular, que es el de la reproducción de los sistemas vivos, incluso de las culturas y de las familias de los humanos[...] (MARTINS, 2013, p. 337).

Es decir, el sistema mundo es formado por patrones de poder y sistemas anteriores al capitalismo, así como también se compone por varios sistemas simultáneos que conviven entre sí, llamadas de alter-sistémicas (MARTINS, 2013, p. 335-337).

Volviendo a la lógica de Immanuel Wallerstein, se pueden reflejar todas estas ideas en la actualidad, en la que los países del centro, son los que manipulan el sistema en favor de sus intereses, apoyados por sus gobiernos, a los que les conviene que las economías vayan bien, se enfrentan para no perder. Eso es, justamente, lo que dentro del capitalismo nadie quiere (WALLERSTEIN, 2004, p. 142). La economía es la que les da poder a los países para poder enfrentarse a otros y debilitarlos económicamente, es la gran amenaza que enfrentan los países periféricos y semi- periféricos.

Esta gran amenaza que tienen los países periféricos y semi-periféricos, se debe a la gran dependencia que tienen de los países imperialistas o centros, situación que hace que los países en esta condición de dependencia busquen alcanzar el desarrollo y es así que, en 1960, surgen discusiones académicas de lo que es desarrollo y dependencia en América Latina.

Las discusiones empezaron tras el aumento de la dependencia de los países de la región en relación a los Estados Unidos, hegemonía en ascensión, después del fin de la Segunda Guerra Mundial y durante la Guerra Fría. En estos tiempos América Latina no se había recuperado de la crisis de 1929, que afectó de gran manera a sus economías, habiendo los países latinoamericanos intentado industrializarse, además de que crecieron los préstamos al extranjero.

En Estados Unidos, en ese periodo, se empezaron a expandir las empresas multinacionales, con gran fuerza, hasta los países débiles como los de América Latina, que fueron la base del desarrollo del sistema capitalista. De este modo es que los países

subdesarrollados se endeudaron con préstamos, al mismo tiempo que recibían inversiones de empresas de los EE.UU., con el discurso de buscar un desarrollo – que no era alcanzable – que solo generó una situación de dependencia.

La situación de dependencia es necesaria para que el sistema capitalista continúe. Los países desarrollados necesitan de los países que son subdesarrollados y dependientes, porque con sus materias primas y recursos naturales, así como su mano de obra barata, ayudan a sostener el sistema.

1.1.1 Dependencia a partir de Raul Prebisch

Raúl Prebisch, que trata del concepto de dependencia, tiene un pensamiento muy particular, porque después de intentar dar respuesta a los problemas de América Latina y del mundo, cuestiona sus propias ideas, para después poder buscar una solución. Por tanto, se caracteriza a Raúl Prebisch, como economista clásico, debido a que para Hollis y Neal:

[...] los economistas clásicos se caracterizan por centrar su preocupación en la producción y la distribución, en procesos de cambio; mientras las corrientes neoclásicas tienden a concentrarse en la acción de agentes económicos racionales que operan como demandantes y oferentes en mercados interrelacionados (HOPENHAYN, 1988, p. 178).

“Como propone Popper, Raúl Prebisch adoptaba con frecuencia el método de la "refutación" de teorías anteriores” (HOPENHAYN, 1988, p. 183). De este modo, como dice Prebisch los “[...] principios neoclásicos no hace sino profundizar las crisis políticas del capitalismo periférico, al servicio de grupos privilegiados de las sociedades subdesarrolladas y de los centros hegemónicos internacionales” (HOPENHAYN, 1988, p. 181).

Entendiendo que la dependencia es parte del sistema capitalista, Raúl Prebisch analiza esta consecuencia a través del orden de las cosas. Para él las desigualdades que existen entre los países centrales y los periféricos, es por el estrangulamiento de los países centrales a los periféricos. En este contexto, los países centrales tienen el control, generando desigualdades e injusticias entre los países del centro y los periféricos, que no llegarán nunca a ser lo que son los países del centro (PREBISCH, 1987, p. 13-17).

Debido a esto, propone que debe ser corregida la forma en que se estaba actuando entre los Estados en los años 1960, para que el sistema pueda hacerse más dinámico. Es así que apoya la decisión de colocar como tasa mínima de crecimiento 5% por año para los países en desarrollo hasta 1970 (PREBISCH, 1987, p. 13). Este plan de la tasa mínima de crecimiento es para que los países que no pueden alcanzar un porcentaje de crecimiento en relación a los países del centro, puedan nivelarlos. En base a esto, es que propone que surja una política de cooperación internacional para eliminar el desequilibrio comercial. Esa política sería únicamente por un periodo de transición en cuanto se crea las condiciones internas e internacionales para acelerar el comercio (PREBISCH, 1987, p. 20-30).

En el periodo hasta la gran depresión se pudo mantener el orden de las cosas, en que el flujo en los mercados era dinámico. Posteriormente, los países en desarrollo se vieron más limitados por una gran concurrencia, en que los países desarrollados empezaron a crecer más por ser sus productos más valiosos en el mercado y cada vez más diferenciados de las materias primas (PREBISCH, 1987, p. 17-19).

Dos aspectos, para Raúl Prebisch, perjudican mucho a los países en desarrollo. Primero es que los desarrollados ponen trabas que pueden impedir importaciones y exportaciones de los productos que se producen en los países dependientes. Además, otro aspecto que perjudica principalmente a América latina eran los excedentes de los productos que compiten por sobre los productos de estos países. Incluso, algunos países desarrollados exportan los mismos productos que los países en desarrollo y éstos tienen que manejarse con el excedente, compitiendo además con países desarrollados, que para Raúl Prebisch no es solo una arbitrariedad del mercado (PREBISCH, 1987, p. 21-29).

Esto se debe, según Raúl Prebisch, a las empresas coloniales y el comercio internacional, que fueron los responsables por la desestabilización sufrida en las estructuras e instituciones socioeconómicas, que hundieron a los países del tercer mundo, en una situación permanente de dependencia. Uno de los principales motivos es la desigualdad del valor en los términos de intercambio, en que las exportaciones de las periferias, se compone esencialmente por materias primas, en relación con los países del centro, que producen principalmente productos industrializados (PREBISCH, 1987, p. 34-37).

Además, el desarrollo que hay en los países centrales, hace que las empresas que allí se encuentren tengan más posibilidades de progresar que las que son de los países en desarrollo, por su desarrollo tecnológico. Este desarrollo hace con que se pueda producir más rápido y, por

tanto, la producción también es más elevada, factor que llevan en desventaja los países en desarrollo a la hora de competir (PREBISCH, 1987, p. 21).

Como los países periféricos son los generalmente agrícolas y los que sufren más con los precios, Raúl Prebisch incentiva a la industrialización, que en el momento al que el autor se refiere, no fue posible. Aun así, él sigue apostando en la industrialización, porque es lo que abrirá las puertas a los países en desarrollo, para poder entrar en el mercado y posteriormente llegar a concurrir con los países del centro, para reducir su dependencia y no vender únicamente las materias primas, sino ser más variados en los productos comercializados (PREBISCH, 1987, p. 21-24).

De este modo, parte de la condición de la periferia y desequilibrio estructural, que trata de la división internacional del trabajo, es la que Raúl Prebisch trata de “tendencia al desequilibrio estructural de las economías periféricas” (DI FILIPPO, 1988, p. 166). Esto se da porque las demandas de los productos primarios carecen, en comparación a los productos industriales, lo que hace que pierdan valor en comparación a los industriales, haciendo con que los productos primarios, sean desplazados de los secundarios y terciarios (DI FILIPPO, 1988, p. 166).

Armando Di Filippo contribuye con la construcción del concepto para este trabajo cuando destaca que es visible que existen desequilibrios estructurales, primero, la de las tendencias deficitarias y deudoras de las periferias; y segundo la del deterioro de los términos de intercambio. Así, las periferias dependen de lo que los centros demanden de materia prima, esto es una gran limitación, porque además son propensos a variaciones de precios y por tanto imposibilidad de crecer (DI FILIPPO, 1988, p. 167).

La idea es que, para ser algún día desarrollado, no hay que estar permanentemente observando a los países del centro, sino que se debe tener una dinamicidad en comercio, para que haya mayor probabilidad de aumentar la productividad, viendo que no hay que enfocarse en las exportaciones, sino atraer de los demás, los elementos que impulsan al desarrollo (PREBISCH, 1987, p. 19).

Raúl Prebisch aconseja la cooperación internacional en el plano Norte-Sur como una estrategia destinada a asegurar el desarrollo armónico no sólo de las periferias, sino también de los centros industriales. Basadas en la cooperación entre el norte y el sur, para contrarrestar las relaciones de poder y fuerza en las dinámicas del mercado, para poder asegurar el desarrollo armónico de ambas partes, que sea de forma más equitativa (DI FILIPPO, 1988, p. 169-170).

Cabe destacar que el pensamiento de Raúl Prebisch, además de buscar comprender mejor la realidad social, incluso busca “[...] compatibilizar la racionalidad económica con la equidad social y la libertad política” (HOPENHAYN, 1988, p. 181). Sin embargo, los pensamientos más conocidos dentro del pensamiento económico, no consiguen explicar las situaciones de estancamiento e inflación, como Raúl Prebisch, que propuso ideas de cambio para solucionar las crisis y desigualdades que se viven dentro del sistema internacional. Él pensaba que se podría cambiar las ideas dentro del sistema, es decir, los gobernados y gobernantes y los del norte y sur; creía que se podían superar los intereses para así modificar las desigualdades que hay en las periferias (HOPENHAYN, 1988, p. 181-182).

De cierto modo, las ideas de Raúl Prebisch eran paradójicas, porque son ideas que traerían soluciones, pero por ser el hombre de naturaleza egoísta, estas ideas fueron frustradas. Aun así, por la forma de planificación de las mismas y la inteligencia con las que se planearon son, de gran admiración (HOPENHAYN, 1988, p. 182). Al mismo tiempo es heterodoxo, porque como fue tratado anteriormente, no se quedó con la teoría convencional, sino que la puso a prueba de la experiencia histórica (HOPENHAYN, 1988, p. 183).

Dentro del mito de los mercados libres, se puede ver que el mercado funciona por medio de los intereses y está vinculado a la competencia, como también lo demuestra Raúl Prebisch. Lo que hace la nueva heterodoxia es culpar al Estado de todas las desigualdades y crisis, cuando busca desestatizar, pero esta actitud solo generará resultados inversos. Cabe recordar que “[...] el hombre puramente económico y racional no existe. Tampoco existen los mercados puros o libres” (HOPENHAYN, 1988, p. 184).

La competencia no existe para regular la demanda de productos, sino que son los deseos de los consumidores que son desmedidos. Esto lo ve Raúl Prebisch dentro del capitalismo periférico, cuando empresas transnacionales, instaladas en las periferias, tienen un papel importante en la difusión de la tecnología, generando necesidades a la población de consumo de las mismas, para así mantener su economía y mejorar a los centros, que es a donde se van las ganancias. Por eso, hay fallas en el mercado, para el capitalismo periférico, pues para los países dependientes, el mercado “acumula poco [porque el dinero se va al extranjero], usa mal [por el torcido uso que le da el consumidor] y distribuye peor [porque promueve la desigualdad]” (HOPENHAYN, 1988, p. 185-186).

Conforme con Benjamín Hopenhayn:

[...] no deja de considerar Prebisch las deficiencias del mercado como asignador de recursos. En el Capitalismo periférico destaca principalmente dos: la falta de horizonte temporal adecuado, y su incapacidad para superar la "ambivalencia de la técnica", tema que le venía preocupando de mucho tiempo atrás (HOPENHAYN, 1988, p. 186).

Si bien proporciona recursos capitalistas, esto también trajo una explotación desmedida de los recursos naturales, que en el ámbito global tampoco ha mejorado las relaciones entre los centros y las periferias, siendo esta otra falla en las leyes del mercado (HOPENHAYN, 1988, p. 186).

Posteriormente, en el mito del espejo, que señala Benjamín Hopenhay, es que Prebisch trata del capitalismo imitativo, en que las periferias se desarrollarían al igual que los centros; un modelo que para la periferia que es importado o imitado de los centros dominantes (HOPENHAYN, 1988, p. 187). Raúl Prebisch aporta que se debe tener en cuenta la experiencia histórica de América Latina, pues las condiciones de cada país son diferentes y eso influye también en las varias formas que pueden existir para desarrollarse (HOPENHAYN, 1988, p. 186-188).

Debido a todas estas discusiones, queda visible que el sistema capitalista se caracteriza por ser un sistema excluyente, en el que las periferias participan de él, pero de forma limitada. De este modo, las periferias, en este juego de relaciones de poder, tratan de imitar a los centros, de los cuales son dependientes, mientras que los centros se concentran en sus intereses económicos que están vinculados además en intereses estratégicos, ideológicos y políticos (PREBISCH, 2011, p. 635-642).

Raúl Prebisch concluye, entre otros puntos, que el sistema capitalista en un punto no va a poder sustentar a los centros, en su afán por acumular, aunque el capitalismo periférico cumpla su rol, de que se siga acumulando más. No hay más solución que transformar el sistema (PREBISCH, 2011, p. 642-643).

En este contexto, los países que son desarrollados son los que tienen buenas industrias, que les permiten adquirir riquezas a partir de sus relaciones con el resto del mundo, estos son los que necesitan importar las materias primas y exportan los productos manufacturados. En el caso de los países periféricos, la realidad es otra, la forma de obtener riquezas es por exportación de productos de consumos más inmediatos, desventajosos en las balanzas de pagos, básicamente exporta materia prima e importa los bienes manufacturados. (FELLMANN VELARDE, 1967, p. 28).

A fin de cuentas y según todo lo tratado en este capítulo, las características de los países periféricos es ser subdesarrollados, por su condición de dependencia económica dentro del sistema mundo, en que las periferias son las que exportan sus materias primas a cambio de tecnologías producidas en estos centros. Respecto a esta lógica, en esta investigación se analizará el caso de Uruguay.

2 COMERCIO DE URUGUAY Y LOS DISCURSOS DE MUJICA

En este capítulo, primeramente, se hace un análisis de las asociaciones comerciales de Uruguay, con la intención de verificar el posicionamiento del país en el sistema mundo. Se utilizan datos de la plataforma Uruguay XXI para recolectar informaciones acerca de las exportaciones e importaciones del país. Se les da una atención especial a los principales países a los cuales Uruguay exporta y desde los cuales Uruguay importa productos. Además, se considera también el tipo de producto importado y exportado, si es el producto primario o industrializado.

En segundo lugar, son analizados cinco discursos proferidos por José Mujica cuando ocupaba el cargo de presidente en Uruguay. Los discursos analizados son de asunción a la presidencia en 2010, en la Cúpula de los Estados Latinoamericanos y Caribeños en 2011, en la Cúpula del Medio Ambiente en Río de Janeiro en 2012, en la Sesión Ordinaria de la Asamblea General de las Naciones Unidas en 2013, en la reunión de los presidentes del Mercado Común del Sur de 2014 y el discurso del fin del mandato en 2015. La elección de discursos en diferentes años y en diferentes instituciones tiene el objetivo de verificar la posición de Mujica en esas diferentes épocas y lugares. En este trabajo se considera la visión de Mujica como lo que está expresado en estos discursos.

2.1 ECONOMIA DE URUGUAY

Para el análisis del comercio exterior de Uruguay, se considera que en el sistema mundo los países considerados subdesarrollados y periféricos dentro del sistema internacional, en general, tienen la característica de ser exportador de materias primas e importador de productos industrializados. En sentido contrario, los países considerados desarrollados y que ocupan el centro del sistema mundo, exportan más productos industrializados e importan materias primas de los países periféricos. Es a partir de esta perspectiva, que se analiza a seguir el comercio exterior de Uruguay.

El primer punto que se destaca en este análisis son los productos que Uruguay exporta. Como se ve en el gráfico 1, dentro de los productos más exportados por Uruguay están: carnes,

despojos comestibles, cereales, semillas, frutos oleaginosos, leche, productos lácteos, madera, carbón, vegetal y manufacturas de maderas.

Grafico 1: Exportaciones de Uruguay

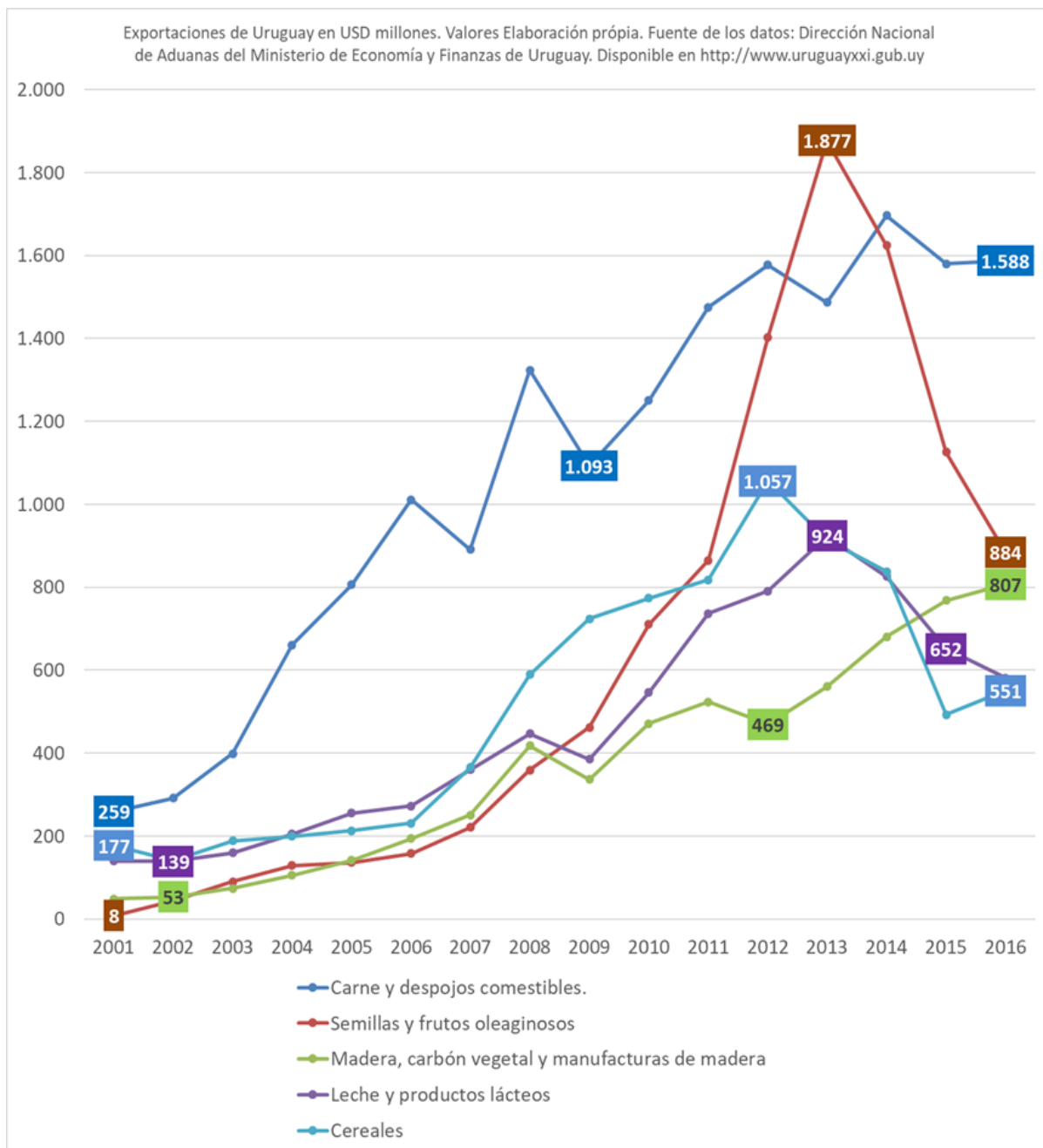
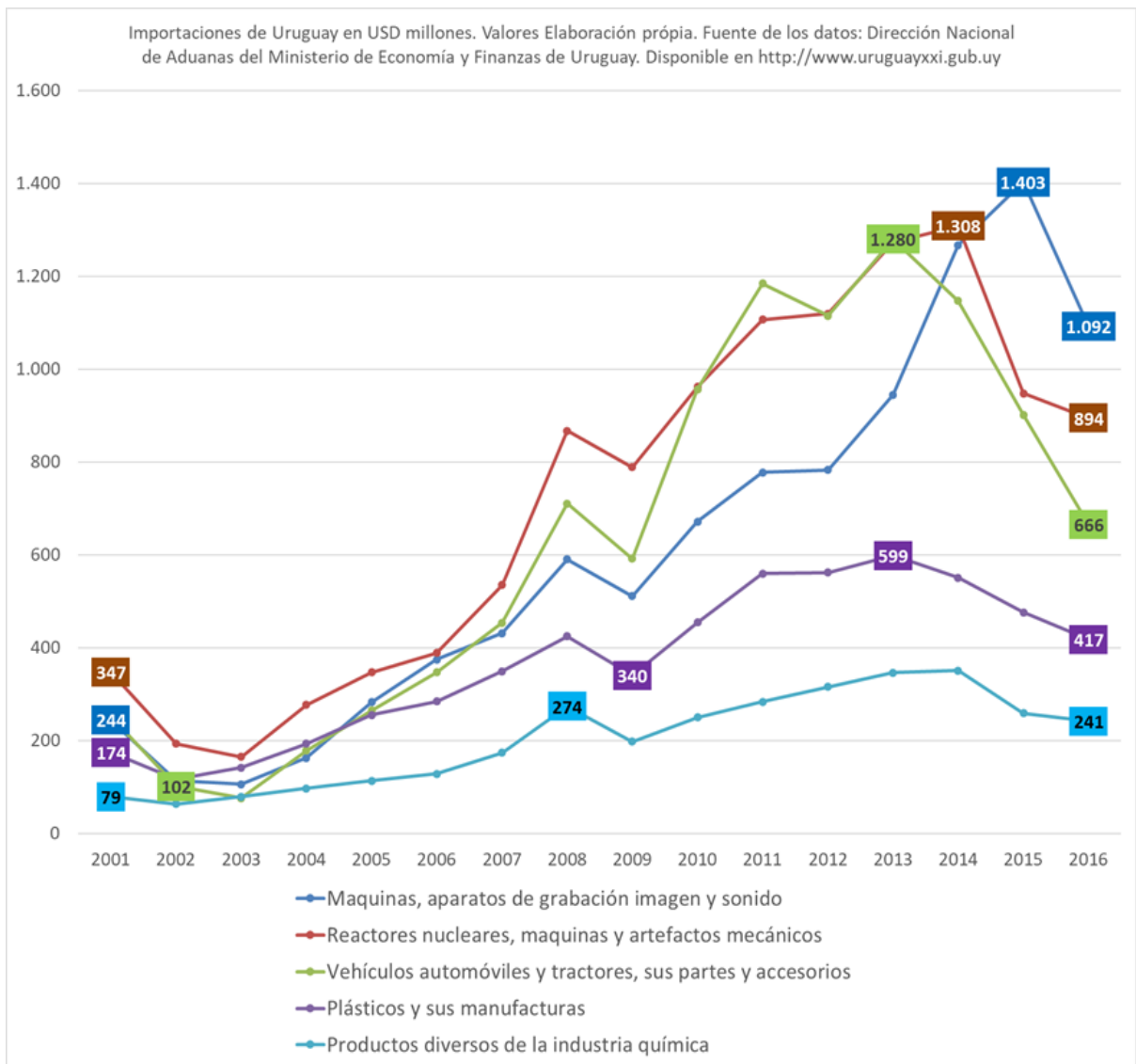


Ilustración 1 Exportaciones de Uruguay.

De este modo, se percibe que dentro del mercado uruguayo de exportaciones hay una mayor presencia de productos primarios, entre los principales productos de exportación. En

relación a las importaciones, estas están concentradas en máquinas, zapatos, aparatos de grabación imagen y sonido, reactores nucleares, vehículos automóviles y tractores, plásticos y productos de la industria química, como los principales productos que ingresan al país, conforme se ve en el gráfico 2.

Gráfico 2: Importaciones hacia Uruguay

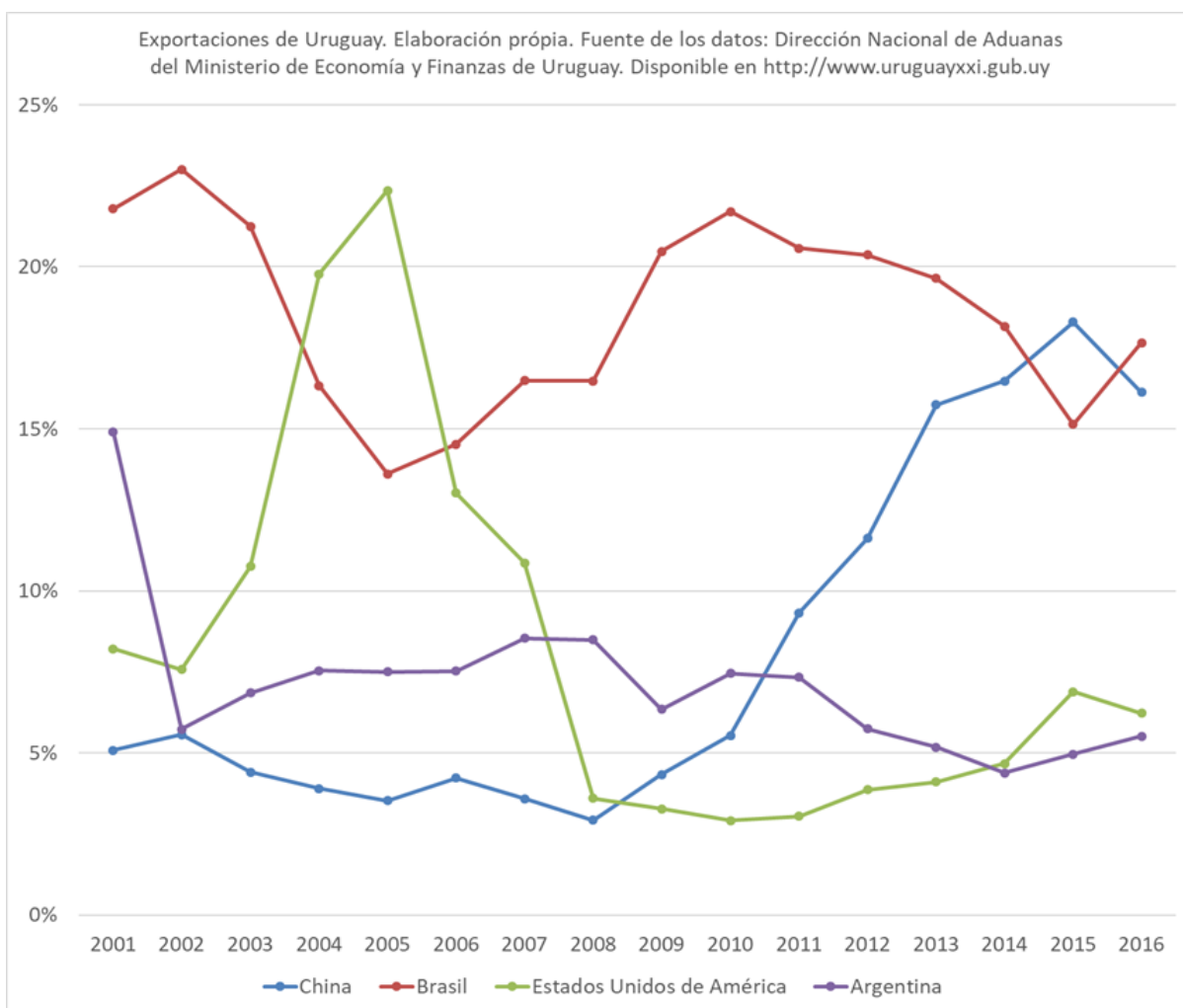


Como se demuestra tanto en el gráfico 1 como en el gráfico 2, Uruguay es un país que tiene las características de un país periférico en el mercado internacional. Sobre las exportaciones, con excepción del año 2013, cuando hubo un gran volumen de exportación de semillas, en todos los otros años desde 2001, la carne es el principal producto de exportación.

A respecto de los productos importados, se percibe que desde 2001 son las mismas clases de productos que predominan, todos con alto valor agregado, o sea, productos industrializados.

Sin embargo, no es solo el tipo de producto que se vende o se compra que caracteriza un país como siendo periférico, pero también a quien vende y de quién compra. En este sentido el gráfico 3 demuestra los principales destinos de las exportaciones uruguayas.

Gráfico 3: Exportaciones de Uruguay, principales destinos



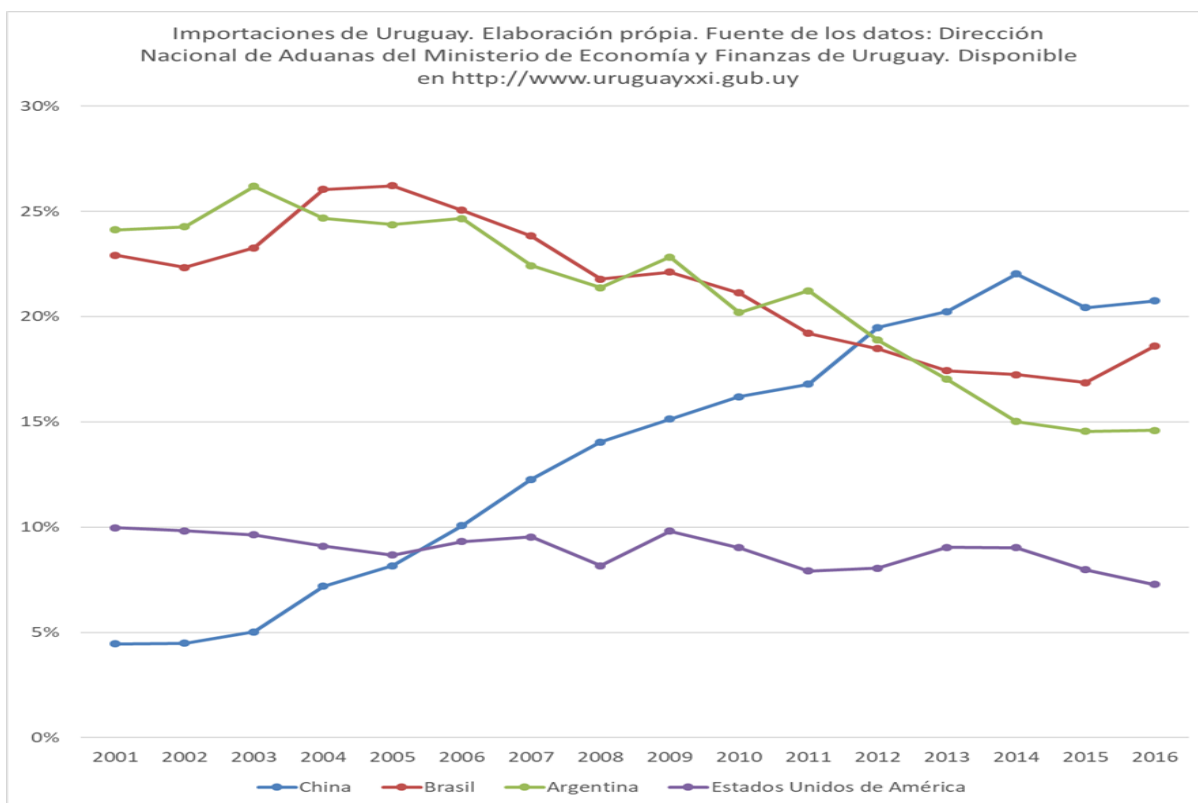
Dentro de este gráfico 3, hay un ascenso de las exportaciones a China, una caída de las exportaciones a los Estados Unidos, que se mantiene con unos pequeños ascensos durante el periodo de José Mujica. En el caso de Argentina, se mantiene parcialmente estable con sus pequeñas variaciones. Y con China, se comienza un gran ascenso desde 2008, pero con un leve descenso en 2011 y 2014.

A todo esto, a comienzos de la gestión de José Mujica en 2010, las exportaciones de Uruguay eran dirigidas a Brasil como uno de los principales, seguido por Argentina, China y Estados Unidos. Ya para el final de su mandato 2015, hubo un re-apunte de China, pasando a Brasil y Argentina, siguiéndole Brasil, con una caída parcial, y una variable pequeña entre Argentina y Estados Unidos.

Considerando el periodo histórico contenido en el gráfico, es posible identificar entre los cuatro principales socios comerciales para las exportaciones uruguayas, dos grandes *players* globales – Estados Unidos y China - y dos regionales – Brasil y Argentina. Brasil ha sido el principal socio desde 2001 con China aproximándose a los números de Brasil como principal destino de las exportaciones uruguayas. Así, en una mirada a partir del sistema mundo, Uruguay presenta dos niveles en los que se puede decir que es un país periférico: dos niveles, uno regional y otro global.

Sobre este posicionamiento periférico en dos niveles, es posible decir que se replica en las importaciones, como se ve en el gráfico 4.

Gráfico 4: Importaciones desde los principales países de origen a Uruguay

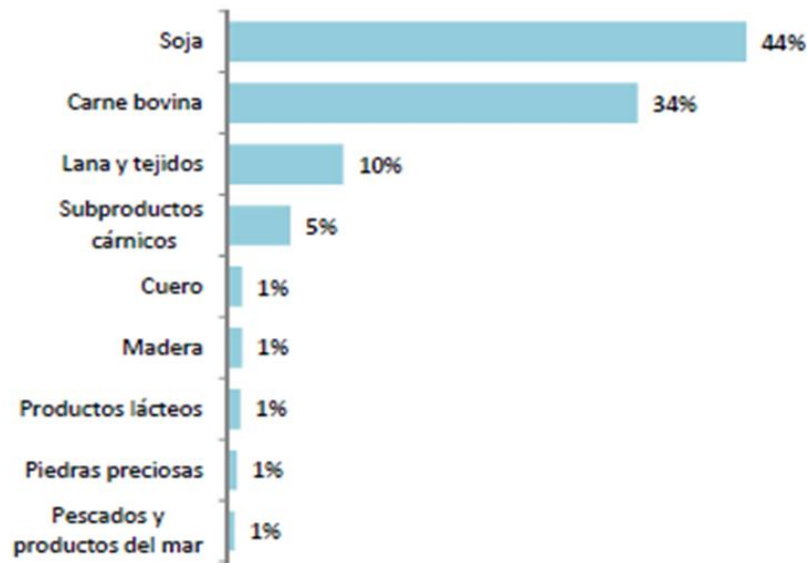


En el gráfico 4 se puede visualizar a comienzos del mandato de José Mujica, en 2010 que las importaciones de Uruguay estaban entre los mercados argentinos y brasileros, con China en ascenso, seguido por Estados Unidos que se mantiene con pequeñas variaciones en cuarto lugar. Para el final del mandato en 2014, China pasa el lugar tanto de Argentina como de Brasil, quedando Brasil en segundo lugar, Argentina en tercero y Estados Unidos en cuarto, en las importaciones de Uruguay. Observándose, aún, una ascensión tanto en exportaciones como importaciones de China, país que está ganando mercados y del cual Uruguay está empezando a depender. Sin embargo, aunque la hegemonía de los Estados Unidos se muestra claramente débil en el ámbito comercial, continúa estando presente, dentro de los principales mercados de Uruguay.

Considerando que, de acuerdo con el aporte conceptual utilizado en éste trabajo, los países periféricos también son dependientes de los países centrales, los cuatro gráficos presentados hasta ahora, evidencian que Uruguay no solamente es un país dependiente de los países centrales, sino que además tiene una gran dependencia de la región, principalmente de Argentina y Brasil. Los tipos de productos, los destinos y orígenes de éstos, así como el flujo que se verifica ponen claramente a Uruguay en condición de país periférico y dependiente. En base a estas observaciones, en los próximos gráficos se presentarán los casos de cada uno de los cuatro principales países para el mercado uruguayo.

El mercado de Uruguay con China, representado en porcentajes a continuación en el gráfico 5, permite visualizar que China recibe de Uruguay productos alimenticios, siendo sus dos principales la soja con un 44% y la carne bovina 34% que viene en ascenso según los datos de la plataforma Uruguay XXI (URUGUAYXXI, 2016, p. 5).

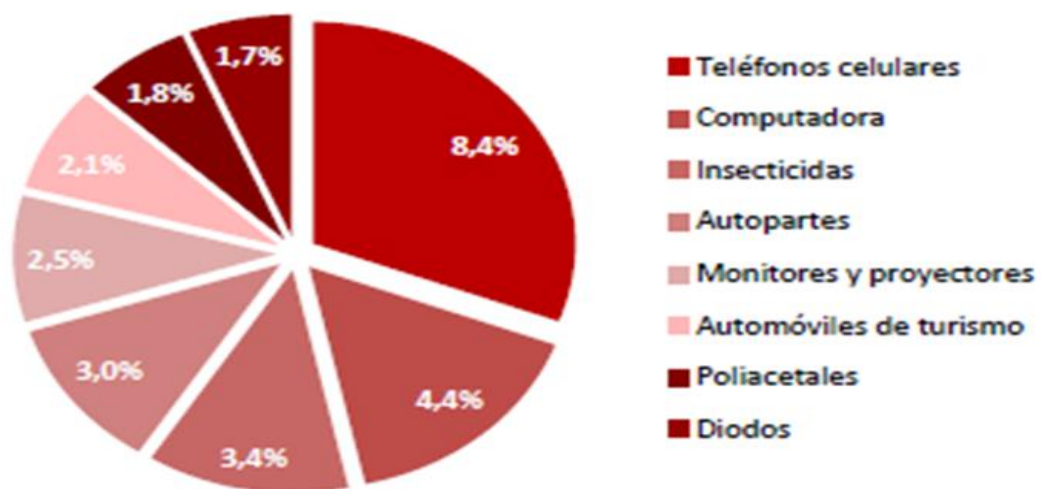
Grafico 5: Principales productos exportados por Uruguay hacia China. (Part. % - Año 2015).



Exportaciones de Uruguay para China en 2015. Extraído de Ficha País – China, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

En el mercado uruguayo las importaciones desde China se basan en productos de tecnologías, siendo sus dos principales teléfonos celulares con un 8.4% y computadoras con un 4.4%. Siendo la segunda economía más importante y grande del mundo, por su capacidad de no importar más de lo que exporta (URUGUAYXXI, 2016, p. 5).

Grafico 6: Principales productos importados por Uruguay provenientes desde China. (Part. % - Año 2015).

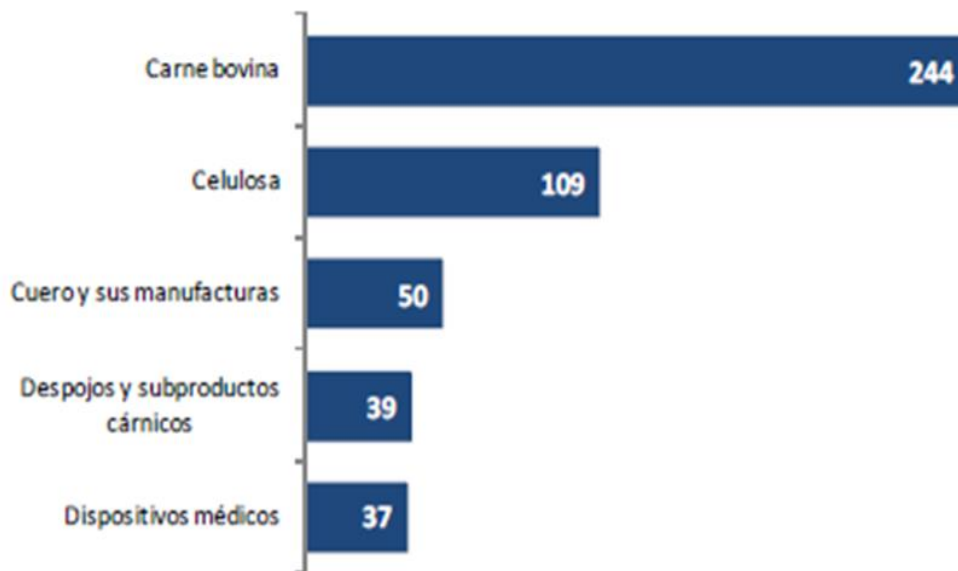


Importaciones de Uruguay desde China 2015. Extraído de Ficha País- China, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Como consecuencia del impacto internacional que recibe China en su comercio exterior, con la caída de sus importaciones, abre paso a oportunidades de comercio con Uruguay, aumentando su saldo comercial (de Uruguay) a un 45%, haciendo énfasis en productos de materia prima, necesarios para satisfacer sus necesidades, cabe tener presente que a pesar de ser el cuarto país más grande del mundo, tan solo un 1% de su territorio está apto para la agricultura (URUGUAYXXI, 2016, p. 4). Los números que se ven en los gráficos 5 y 6, en parte, son un producto de la crisis comercial que enfrenta Estados Unidos, que permiten a China ganar mercados, llegando a ser incluso el principal proveedor en 2015 de Uruguay. Desde 2006, mucho antes del inicio del mandato de Mujica, el comercio de Uruguay con Estados Unidos estaba en declive.

A pesar de esto, Estados Unidos siguen siendo uno de los principales socios de Uruguay. El comercio entre los países sigue basándose en carne bovina, de acuerdo a datos del 2015, cuando Uruguay envió a Estados Unidos USD 244 millones en carne. Los otros principales productos son la celulosa y el cuero, conforme el gráfico 7.

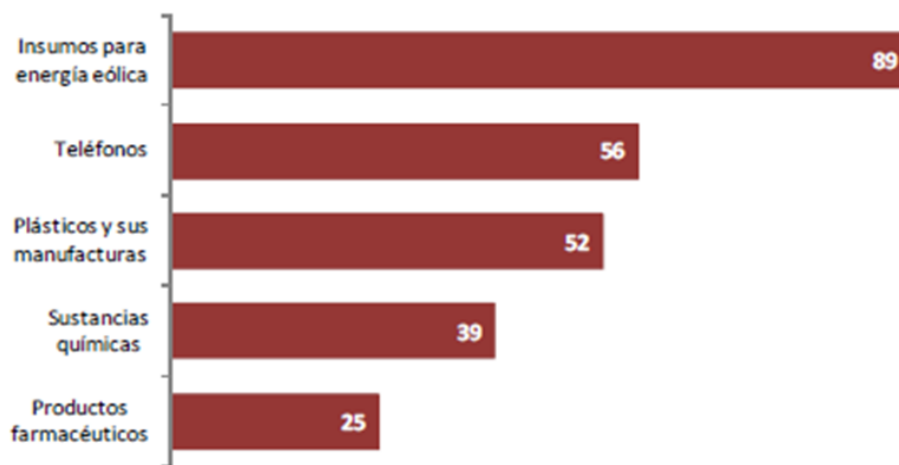
Grafico 7: Principales exportaciones uruguayas a Estados Unidos. Año 2015- U\$\$ millones.



Exportaciones para EEUU 2015 en U\$\$ millones. Extraído de Fecha País- Estados Unidos, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Las importaciones desde Estados Unidos se destacaron por insumos para la energía eólica en un USD 89 millones, en un contexto de desarrollo de energías renovables, así como otras mercaderías solicitadas, como teléfonos (USD 56 millones), plástico (USD 52 millones), entre otros de interés uruguayo (ver gráfico 8).

Grafico 8: Principales importaciones uruguayas desde los Estados Unidos. Año 2015 U\$\$ millones.

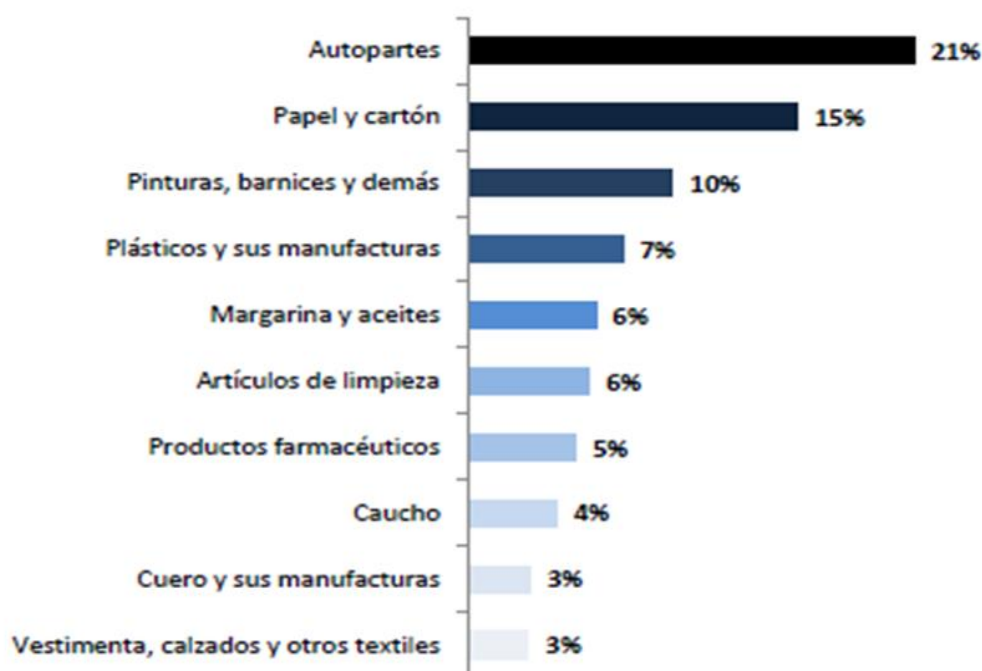


Importaciones desde los EE. UU. 2015 en U\$\$ millones. Extraído de Ficha País- Estados Unidos, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Más allá de que Estados Unidos no se encuentren en primera posición en los mercados uruguayos, existe una dependencia de éstos, por visibilizarse la exportación de materias primas e importación de productos industrializados con alto valor agregado. Esto hace que los Estados Unidos importen más de lo que exportan y aun así sigan siendo la primera economía del mundo.

Respecto de Argentina, dentro de las exportaciones de Uruguay a este, se destacan las autopartes con un 21%, papel y cartón 15% y pinturas 10% en 2015 (ver gráfico9). Sin embargo, la balanza comercial de ambos es deficitaria, debido a que las exportaciones son inferiores a las importaciones, situación que se reduce en 2013, por ambas (exportaciones e importaciones) ir reduciéndose gradualmente (URUGUAYXXI, 2016, p. 10).

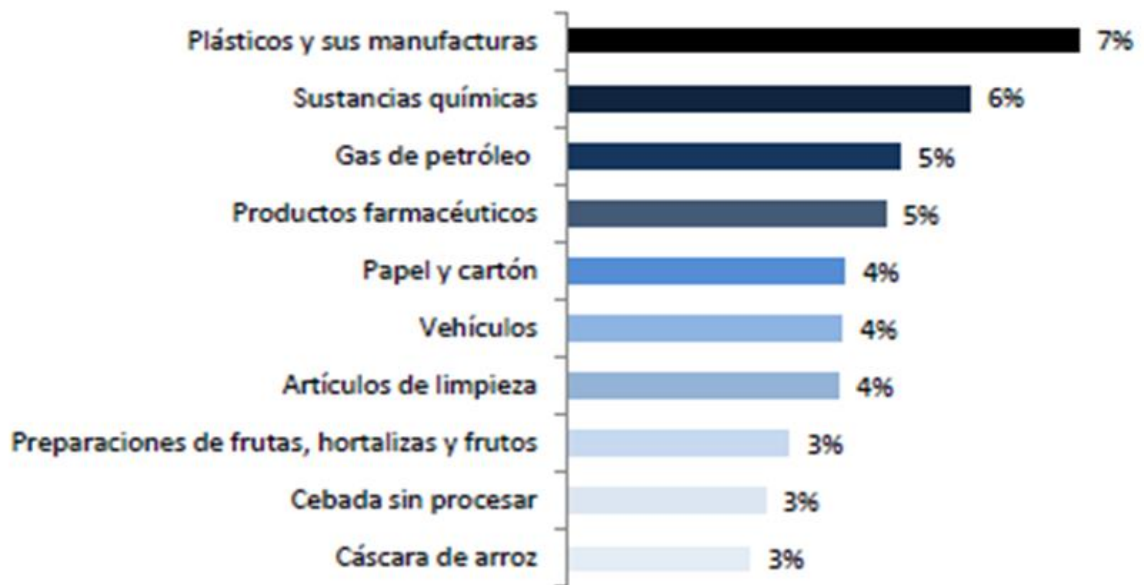
Grafico 9: Principales productos exportados por Uruguay hacia Argentina. Año 2015. Participación %.



Exportaciones para a Argentina 2015. Extraído de Fecha País- Argentina, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Para Uruguay, Argentina es un socio comercial indispensable, tanto a nivel de exportación, como de importación. En el caso de la importación de Uruguay desde Argentina, permite una variedad de productos siendo los dos más solicitados en 2015, los plásticos con un 7% y las sustancias químicas con 6% (ver gráfico 10).

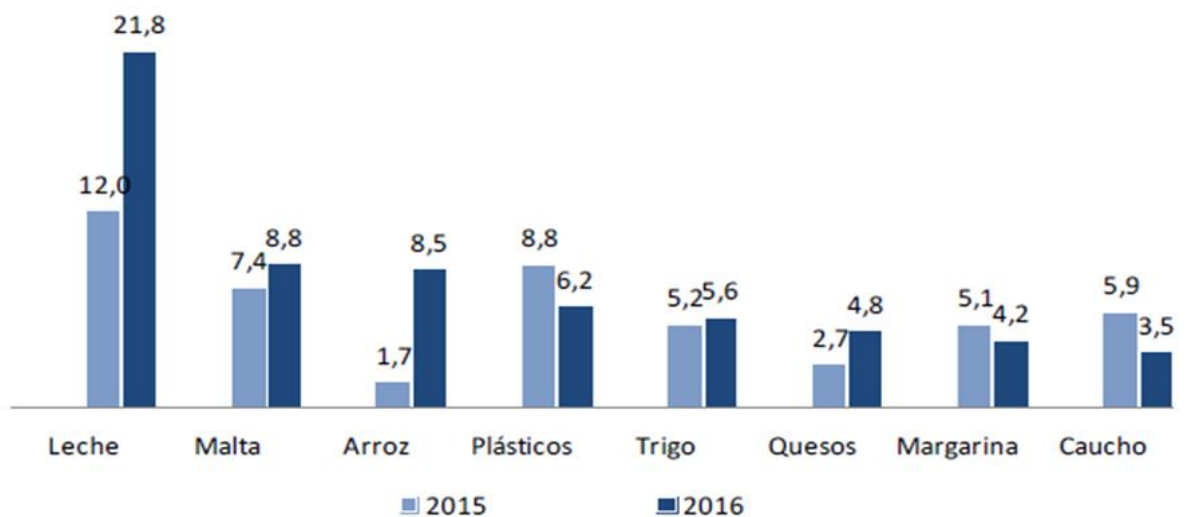
Gráfico 10: Principales productos importados por Uruguay desde Argentina. Año 2015. Participación %.



Importaciones desde Argentina 2015. Extraído de Fecha País- Argentina, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Las exportaciones desde Uruguay a Brasil son muy favorables por la prestación de servicios y actividades industriales que tiene Brasil en sus sub-áreas, más allá de que Brasil sea el segundo exportados agrícola, en su condición de país periférico (URUGUAYXXI, 2017, p. 5), necesita de otras materias primas demandadas por sectores que dependen de las exportaciones (uruguayas) de productos como leche en polvo con 12,0%, malta 7,4%, arroz 1,7% en 2015, quintuplicándose el arroz en 2016 y otros productos, que para 2016 también aumentan.

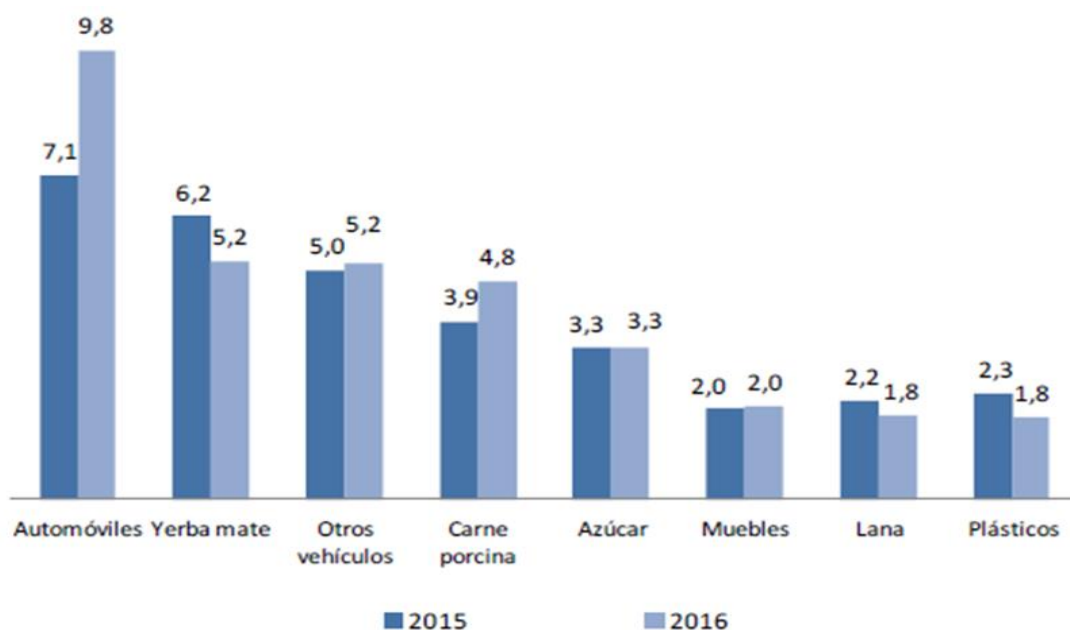
Grafico 11: Principales productos exportados por Uruguay hacia Brasil. Años 2015- 2016 (en %).



Exportaciones para o Brasil 2015- 2016. Extraído de Fecha País- Brasil, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Por otro lado, Brasil lidera la industria automovilística y minera, siendo incluso “[...] el segundo exportador mundial de varios minerales [...] (URUGUAYXXI, 2017, p. 5)”. Los automóviles son unos de los productos más destacados que importa Uruguay con un 7.1% en 2015, seguido por la yerba mate en 6.2% en 2015, entre otras variedades de productos importados por Uruguay.

Grafico 12: Principales productos importados por Uruguay desde Brasil. Años 2015- 2016 (Part. %).



Importaciones desde Brasil 2015- 2016. Extraído de Fecha País- Brasil, elaborado por Uruguay XXI. Disponible en <<http://www.uruguayxxi.gub.uy/>>.

Respecto a la situación económica de Uruguay como país dependiente de la región y del mundo, además de ser periférico, protege su economía apoyándose en MERCOSUR por ello dentro de sus principales mercados se encuentran Argentina y Brasil. Sin embargo, Uruguay se proyecta como estrategia comercial, también en relaciones bilaterales, regionales y multilaterales (ABREU, 2006, p. 197-206). Uruguay trata al MERCOSUR no como un bloque cerrado, sino como un medio de negociación entre la región y además para negociar al exterior como conjunto, pero también negociando como país, defendiendo sus intereses nacionales (OPERTTI, 2004, p. 206).

Los números presentados en esta sección de este trabajo demuestran que Uruguay es un país que exporta productos primarios e importa productos industrializados. Los principales países para los cuales exporta son China y Estados Unidos, países centrales en el sistema internacional, además de Brasil y Argentina las dos principales potencias regionales. Siendo el flujo de mercaderías primarias en el sentido de la periferia al centro y de las mercaderías industrializadas en el sentido contrario, considerando el aporte conceptual utilizado y los datos elegidos para el análisis, se puede afirmar la condición dependiente y periférica de Uruguay.

2.2 DISCURSOS DE JOSÉ MUJICA

En este apartado se analizan los discursos, para verificar dentro de las ideas expresadas por Mujica, donde se encuentran cuestiones como las condiciones de dependencia y periferia, las relaciones con las potencias globales y regionales. Dentro de los discursos de José Mujica en los periodos de su mandato; 2010-2015, queda reflejado claramente el énfasis en MERCOSUR, y en los dos grandes de la región, Argentina y Brasil de los cuales es dependiente Uruguay. Además, como país periférico, también observa con mucho detalle lo que ocurre con el mundo afuera y preparándose para el crecimiento que está viniendo desde China.

2.2.1 El discurso de asunción al gobierno (2010)

En el año 2010 asume la presidencia José Mujica (Pepe), que, en su discurso de asunción de mando del 1 de marzo de 2010, deja constar que establecerá las condiciones para gobernar. Él trata de las transformaciones pero a largo plazo, es decir no esas que de un gobierno a otro van cambiando, sino transformaciones de Estado y para ello hay que trabajar en conjunto. Hace énfasis en la cooperación, el trabajo en equipo, de que debe existir un sistema de partidos capaz de llevar en conjunto asuntos vinculados a las estrategias del país.

Mujica trata sobre la complementariedad para poder gobernar a través de los tornillos y las tuercas diciendo que: “[...] Más tornillos que el Partido Nacional, más que el Partido Colorado, más que los empresarios y más que los sindicatos...¿Pero de qué nos sirven los tornillos sueltos, si son incapaces de encontrar sus piezas complementarias en la sociedad?[...]” (PONS e PONS BELMONTE , 2010) Entendiendo que este es contexto que se aplica a la realidad uruguaya y que para dirigir las piezas de la sociedad es necesario una convivencia política civilizada, colaborando entre sí, las partes sueltas como ser muchos tornillos no pueden cumplir sus objetivos sin la complementación de las tuercas y viceversa, así muchos políticos de un solo partido, solos se encuentran en la misma situación.

Respecto de la forma de gobierno y los desafíos para el Frente Amplio, por sus ideales más socialistas, menciona que la macroeconomía es necesaria, al decir que:

Por su parte el Frente Amplio, eterno desafiante y ahora transitorio campeón, tuvo que aceptar duras lecciones, no ya de los votantes sino de la realidad. Descubrimos que gobernar era bastante más difícil de lo que pensábamos, que los recursos fiscales son finitos y las demandas sociales infinitas, que la burocracia tiene vida propia, que la macroeconomía tiene reglas ingratas pero obligatorias (PONS e PONS BELMONTE , 2010).

Vinculado al tema de la macroeconomía trae a cuestión el tema de las propuestas rechazadas en los años 1990, así como las de rechazo de enormes recursos en los años 1950 y 1970, que eran la oportunidad para el país progresar. Debido a estos hechos y la búsqueda por no repetirlos prioriza los temas de infraestructura y energía y los caracteriza como tema complejo y técnico, incluso se debe tratar por separarlo de los partidos, por ser:

[De] complejos pronósticos sobre el stock de recursos no renovables, como los hidrocarburos. Pero también implica casi adivinanzas, sobre lo que nos traerá el desarrollo tecnológico de la energía solar o de la energía eólica. E implica cálculos, de resultado todavía incierto, sobre la conveniencia de hacer agricultura de alimentos o agricultura para producir bio-combustibles (PONS e PONS BELMONTE , 2010).

Trata al tema de la energía como uno que puede tener proyectos que lleven mucho tiempo y que sus resultados demoren en proyectarse, pero no pueden dirigirse con constantes cambios, tiene sus momentos:

Una macroeconomía prolija es un prerrequisito para todo lo demás. Seremos serios en la administración del gasto, serios en el manejo de los déficit, serios en la política monetaria y más que serios, perros, en la vigilancia del sistema financiero (PONS e PONS BELMONTE , 2010).

Tratando temas de la agricultura y la modernización tecnológica y empresarial que vive el país, se deben crear incentivos ser “país agro-inteligente” y poderse beneficiar de esas oportunidades, no repetir los errores del pasado. Estando en condiciones de que el país pueda aplicar la fórmula de la siguiente ecuación “[...] es agro + inteligencia + turismo + logística regional [...]” (PONS e PONS BELMONTE , 2010).

En verdad lo que quiere mostrar en este discurso Mujica, es que por ser Uruguay un país periférico se debe de amoldar al sistema que le rodea para poder subsistir, de esta forma y en un mundo polarizado, Uruguay no puede cerrarse al mundo y a las oportunidades que se le presentan, sino tratar de sobrevivir en él. Con la ayuda de MERCOSUR tratar de unirse y ser más fuertes, sin embargo, están sus desafíos, cuando hace referencia a que el MERCOSUR es un dormitorio que se comparte, pero MERCOSUR trae amor y enojo entre los países.

En base a estas últimas palabras dentro del discurso de Mujica, no solo queda claro que en su gobierno procura trabajar en equipo, sino que muestra la dependencia de Uruguay en el mercado como país periférico, así como la dependencia en el MERCOSUR, tras la frase: “[...] el MERCOSUR es “hasta que la muerte nos separe” y que esperamos una actitud reciproca de nuestros socios mayores” (PONS e PONS BELMONTE , 2010). Haciendo referencia a Argentina y Brasil, que como se ha mostrado en el capítulo anterior son de gran relevancia para el mercado uruguayo.

2.2.2 El discurso en la CELAC (2011)

Al iniciar el discurso en la CELAC José Mujica hace énfasis la economía y la integración de la región. Remonta a los tiempos de la colonia, en que los dueños de los puertos controlaban la economía y el país, pero en estos tiempos cambió ya que el mundo es globalizado, y las necesidades que se implementan no tienen freno. Menciona que este mundo no es justo, equitativo, ni se basa en independencias, más bien deja menos espacio para el débil, por ello recalca la unión, la integración que permitirá a los países salir de la condición de débiles.

El presidente insiste en que la globalización es peligrosa para los países débiles, debido a los recursos que posee América Latina, es necesario saber beneficiarse de ellos de forma inteligente, siempre haciendo énfasis en la unión:

Está América Latina con sus 600 millones con un crecimiento a los tumbos, también está demostrando nuestras posibilidades, porque encajamos con el mundo, no hay que tener vergüenza de ser productores de materia prima, hay que tener vergüenza de no aplicar los criterios más finos para la explotación de nuestra propia riqueza, industrializar no es, necesariamente, equivalente a llenarse de chimeneas, industrializar es generar más valor en menos tiempo, y ésta es nuestra proeza: la productividad, pero ésta viene de la mano de la inteligencia y de todos los robos, el robo peor es la tendencia a perder, permanentemente, nuestra inteligencia y nuestro llamado a la unidad (TALLER URQUIA-MARÚ, 2011).

Debe haber un aprovechamiento de las oportunidades que pueden tener los países latinoamericanos como exportadores de materias primas, por los recursos que posee, pero más allá de esto, Mujica también hace énfasis en la educación, en las universidades públicas latinoamericanas, porque es importante que haya inteligencia, para poder ser estratégicos al momento de enfrentar los desafíos que se presenten.

El presidente uruguayo también trata sobre los cambios que se están dando dentro del sistema internacional, como el cambio de rumbo del centro, que se está yendo para Asia y los países latinoamericanos deben estar preparados para ese momento. En un futuro van a mirar para el sur y los países deben estar preparados para ese momento:

[...] no deberemos cometer el error del dogmatismo, acá deben de estar todos, derecha, centro, izquierda, todos los que fueren, y aunque esto encierra

contradicciones, es la hora de entender que el peor servicio que les podemos hacer al porvenir es no tener gesto y grandeza de unidad (TALLER URQUIA-MARÚ, 2011).

Esa actitud de unidad hará con que no puedan los países centrales aplicar sus formas de dominio sobre los recursos de la región, no repetir lo que se hizo en la historia de apoyar a los de afuera, porque así les fue como países, sino procurar fortaleza, incluso a aquellos países como Argentina y Brasil, que aún son débiles ante el mundo y necesitan el apoyo de la región.

“[...] es la hora de entender que necesitamos nervios comunes de una política defensiva común [...]” (TALLER URQUIA-MARÚ, 2011), porque cuando sea el momento de adquirir los recursos demandados en este mundo global y declaren como patrimonio de la humanidad todos los recursos de los países de la región, no habrá forma de defenderse, porque las decisiones no van a ser tomadas por los países débiles:

Cuál es el tribunal que puede laudar en la defensa de la Amazonia, cuando nos fichen el gran productor de oxígeno, una necesidad de la humanidad, quién va a defender la plataforma continental, los derechos elementales, que tienen los países en la plataforma continental cuando nos fichen, el mar es de la humanidad. A qué tribunal va a apelar la República Argentina por el derecho a su soberanía en Las Malvinas (TALLER URQUIA-MARÚ, 2011).

En este párrafo está la respuesta, los países de la región no van a tener el poder para enfrentarse al tribunal internacional, que en un caso así, servirá a los intereses de los poderosos. Si los países se unen y se preparan para estar en una posición defensiva, se les va a hacer más difícil salirse con sus planes egoístas:

Y yo podría seguir hablando y hablando de viejas cosas que están anidadas en esta América Latina, solamente en nosotros, solamente si tenemos una actitud global de entender que ningún capital hoy vale más, defensivamente, que el andar juntos, que tener la grandeza de andar juntos, por encima de las diferencias que se pueden tener (TALLER URQUIA-MARÚ, 2011).

2.2.3 Río + 20: discurso de 2012

En la cumbre de Río+20 sobre el medio ambiente, José Mujica trae a cuestión el consumo descontrolado, ya que en esa cumbre se hablaba mucho de desarrollo sustentable y de reducir la pobreza, pero cuestiona que, si todas las personas tuvieran la posibilidad de consumir

lo que consumen los más poderosos, no aguantaría el planeta. En estas palabras se puede reflejar la cultura que está inmersa en todos, que trata a dos temas que chocan, como sustentabilidad y sacar a las clases de a pobreza.

Las personas tienen la cultura de consumir y necesita hacerlo para sentirse feliz, en un consumo desenfrenado traído por el capitalismo. De este modo la cultura de la civilización es para él: “[...] hija del mercado, hija de la competencia y que ha deparado un progreso material portentoso y explosivo. Pero la economía de mercado ha creado sociedades de mercado. Y nos ha deparado esta globalización, que significa mirar por todo el planeta” (URUGUAY., 2012). Y trae la reflexión de si “[...] ¿Estamos gobernando la globalización o la globalización nos gobierna a nosotros? ¿Es posible hablar de solidaridad y de que “estamos todos juntos” en una economía basada en la competencia despiadada? [...]” (URUGUAY., 2012).

Ante estos temas traídos a discusión por Mujica, muestra la debilidad que existe en la capacidad de la política de controlar a la globalización, y argumenta que la mayor crisis no es la económica, sino la política. Porque “[...] El hombre no gobierna hoy a las fuerzas que ha desatado, sino que las fuerzas que ha desatado gobiernan al hombre [...]” (URUGUAY., 2012).

De este modo según él, el hombre debe buscar su felicidad, pero no ser infeliz por no alcanzar el nivel de vida que inculca el sistema, sino no va a poder vivir la vida y ser feliz:

Pero si la vida se me va a escapar, trabajando y trabajando para consumir un “plus” y la sociedad de consumo es el motor, -porque, en definitiva, si se paraliza el consumo, se detiene la economía, y si se detiene la economía, aparece el fantasma del estancamiento para cada uno de nosotros- pero ese hiper consumo es el que está agrediendo al planeta. Y tienen que generar ese hiper consumo, cosa de que las cosas duren poco, porque hay que vender mucho (URUGUAY., 2012).

El mercado produce lo descartable para que siga aumentando la necesidad de consumir, la cultura del “úselo, tírelo” que se repite constantemente. Estos son indicios que demuestran según Mujica, que es el momento de luchar por otra cultura, porque no puede continuar el hombre y la política, gobernados por el mercado, porque debe ser a la inversa. Apoyándose el presidente en “[...] Los viejos pensadores – Epicúreo, Séneca o incluso los Aymaras- definían: “pobre no es el que tiene poco sino el que necesita infinitamente mucho, y desea más y más”. Esta es una clave de carácter cultural” (URUGUAY., 2012). Por ello aclara que, se deben revisar las formas de vivir.

En este contexto se caracteriza como perteneciente a un país pequeño y lo describe como exportador de materias primas, lo describe por sus recursos y riquezas naturales, cuando dice:

Pertenezco a un pequeño país muy bien dotado de recursos naturales para vivir. En mi país hay poco más de 3 millones de habitantes. Pero hay unos 13 millones de vacas, de las mejores del mundo. Y unos 8 o 10 millones de estupendas ovejas. Mi país es exportador de comida, de lácteos, de carne. Es una penillanura y casi el 90% de su territorio es aprovechable (URUGUAY., 2012).

Deja como consejo, que “[...] el desarrollo no puede ser en contra de la felicidad [...]” (URUGUAY., 2012), de tener muchas horas de trabajo y no tener la oportunidad de vivir los momentos de la vida, porque hay que pagar y comprar más. Se deben aprovechar los momentos especiales de la vida con las personas de alrededor y esos momentos son los que dan paso a la felicidad. Incluso los caracteriza como “[...] el primer elemento del medio ambiente se llama felicidad humana” (URUGUAY., 2012).

2.2.4 Discurso de la AGNU en 2013

Al tomar el turno el presidente de Uruguay en la Asamblea General de las Naciones Unidas, inicia caracterizando a Uruguay por su clima, que son los que dan las condiciones para la producción de materias primas “Mi país es una penillanura suave, templada y pecuaria. Su historia es de puertos, cueros, tasajo, lanas y carne [...]” (URUGUAY, 2013).

Además, cuenta, que el país fue conocido en los años 50 como una Suiza de América, pero que en realidad era dominado por el Imperio Británico, que posteriormente trajo penurias, con los términos de intercambio, que estancaron la economía. Este mundo globalizado en el que se vive hoy en día es un mundo que llega a aplastar a los países pobres del sur, a través de la economía sucia, que contamina a los países de la región.

Se debe buscar el modo de terminar con “[...] la economía sucia, al narcotráfico, a la estafa y el fraude, a la corrupción, plagas contemporáneas prohijadas por el antivalor, ese que sostiene que somos más felices si nos enriquecemos como sea” (URUGUAY, 2013). Hace una representación del mercado como un dios y es el que dirige la economía, política, básicamente la vida de las personas y la felicidad. En base a la cultura del mercado, se promete una vida

entera de despilfarros, producto del consumismo y no se valora ni cuida a la naturaleza, por ello se torna la cuenta regresiva para ella.

El presidente hace nuevamente énfasis en que el mercado dejó dependiente de él a la política, implantando en la sociedad la idea de felicidad a través del consumo, siendo el marketing una herramienta indispensable para educar y transmitir esa cultura. Habla de un mundo sin fronteras, producto de la globalización, en que la política no lidera, los líderes pasan a ser los privados de unos pocos, que crean una gran nación de consumidores.

Debido a que el mundo no puede controlar, ni regular las injusticias que se dan dentro de él y los que antes controlaban se fueron debilitando, se hará un intento de sobrevivir desde las regiones. Sin embargo, continuarán creciendo las industrias favoreciendo al sector financiero y a un ritmo mayor, al mismo tiempo que se creen instituciones para salvar el medio ambiente, que dice Mujica, será únicamente un consuelo, porque en realidad esta lógica acabará cuando la naturaleza no lo permita más.

En pocas palabras Mujica quiere decir que “[...] la crisis ecológica del Planeta es consecuencia del triunfo avasallante de la ambición humana, también lo es su derrota, por impotencia política de encuadrarse en otra época que sin conciencia hemos construido” (URGUAY, 2013). Por estas ambiciones, el presidente señala que no se puede gobernar la globalización, porque no existe un pensamiento global o quizá sea un límite cultural o biológico.

Tratando sobre las Repúblicas que se enfocan en que todos los hombres son iguales, acaban cayendo en las redes del mercado, olvidándose del resto de la sociedad. Terminan amarrándose económicamente y desperdiciando todos sus recursos. Esta situación corre igual para las instituciones que buscan organizar a los Estados en el mundo, pero las potencias las desacreditan.

En el caso de la ONU, señala Mujica, que es una esperanza de liberación para los débiles, pero que el poder que poseen los poderosos hace que a través de la institución opriman al débil, un claro ejemplo son las misiones de paz a aquellos pueblos que aún no se pueden desarrollar. La avaricia por sus recursos desde los poderosos, legitiman acciones a través de los acuerdos mundiales.

“Vuelvo a repetir, la crisis ecológica del Planeta es consecuencia del triunfo avasallante de la ambición humana, también lo es su derrota, por impotencia política de encuadrarse en otra

época que sin conciencia hemos construido” (URGUAY, 2013). Desafortunadamente el mismo ser humano con su ambición, fue el que propicio esta situación que traerá la propia destrucción.

2.2.5 Discurso de 2014 en el MERCOSUR

Dentro del discurso efectuado en MERCOSUR por el presidente José Mujica, se hace énfasis a las cuestiones económicas y de las posiciones que ocupan los países de América Latina. Hace énfasis en no ver las diferencias de los demás países y pasar discutiendo, sino buscar los puntos que hay en común para complementarse y trabajar en unión.

Existió una esperanza con el pacto del ABC de unirse los países de América Latina, él remonta a los tiempos de Bolívar y Artigas de unificación fallida de la región, pero en este contexto es el momento de hacer posible esta unión. Procurar no cometer los errores del pasado, cuando los países de la región estaban en auge y como en el caso de Uruguay, los países procuraban juntarse con las potencias, como Gran Bretaña.

Menciona que Uruguay tenía ingresos per cápita similares a Francia o Bélgica, únicamente se engrandecía como país de primer mundo, llamado de la Suiza de América. Pero al lado estaba Argentina, que era potencia mundial y en vez de unirse, se miraba para el costado. Posteriormente llega “el Tío Sam” haciendo referencia a los Estados Unidos, que ganó poder, pero todo a lo grande. Esto se convirtió en tiempos de derrota para los países de la región, incluidos para Uruguay, con los términos de intercambio que arrimaron las economías.

En este contexto de crisis vinieron las dictaduras, que Mujica con sus ideales de joven las veía como esperanzas, sin embargo, pasaron a odiarlas. Con las democracias liberales, posteriormente señala Mujica, que tiene sus defectos, por no prometer mucho y cumplir poco, referente a la igualdad, de todos modos, hay que defenderla, porque permite el progreso humano y la justicia social, no se puede arriesgar las democracias. Así supo que hay que aprender a vivir con las diferencias.

Estaba habiendo cambios en el mundo y estos siempre se basan en la inteligencia y nueva tecnología, es así como se conformó el MERCOSUR:

[...] Nos hemos querido juntar para desarrollarnos y poder saturar la deuda social que tenemos. Ambicionamos tener mercado, poder vender, pero el gran mercado es incorporar el mercado a los pobres que tenemos postrado en nuestra América. Una enorme deuda social. [...] (LOMÁSTRINADO, 2014).

Esta unión a través del MERCOSUR, fue una forma de poder formar una América más libre, tratando de dar una respuesta a ese fracaso que se vivió en la época que no se supo aprovechar. Tras el fracaso de la Ronda Uruguay, realizada en Punta del Este, se empezaron a hacer los acuerdos regionales, como en MERCOSUR:

[...] con algunas potencias que emergen en el pacífico, que nos tienden la mano y nos invitan a una historia de futuro, que es también un desafío. Ya no es el Tío Sam, el Tío Sam está enfermo, lo está matando el egoísmo, tiene una fuerza tremenda y una capacidad gloriosa, pero se está ahogando en el propio egoísmo. Nos están tendiendo, será una mano o un brazo? (LOMÁSTRINADO, 2014).

En estas situaciones Mujica dice que hay que ser inteligentes, hay que analizar bien el contexto de lo que sucede alrededor, no se puede ignorar lo que pasa en todo el mundo y, sobre todo, no hay que perder las oportunidades que se presentan. Sin embargo, no olvidar que se necesita del MERCOSUR como recurso indispensable, a partir de él, universidades que sean de la propia América Latina, con programas comunes que no cierren las puertas a las posibilidades de oportunidades, que no hayan fronteras, a semejanza de la Unión Europea.

En base a lo tratado en el párrafo anterior por Mujica, la idea de esto es unir los conocimientos y mano de obra, además del intercambio de mercaderías. Para unirse lo que falta es voluntad política, para existir una verdadera integración entre los gobiernos y hay que estar preparados para enfrentar a los seres que se están formando, que de hecho son de escalas planetarias. China es un país que viene creciendo y más allá de que Brasil sea grande en la región, no puede competir con esos países, llegó el momento de dejar de lado las diferencias y los celos y apoyar a los países de la región, incluso Brasil. Se debe tener presente que “[...] los peces chicos deben cuidarse de los peces grandes” (LOMÁSTRINADO, 2014) y esa es la responsabilidad que le queda a los países de la región.

2.2.6 Discurso de finalización de mandato (2015)

Al concluir su mandato el presidente José Mujica, finaliza su discurso haciendo un recuento de la situación de Uruguay y lo sucedido en su gestión. Parte desde tiempos de militancia, que luchaba por un mundo mejor y la utopía de que no existan las clases sociales, con el fin de los años gloriosos en Uruguay como la Suiza de América, culminando en un estancamiento económico. Hace mención al estancamiento económico que posterior a la Guerra Mundial que debilitó enormemente al país, es en ese contexto de luchas por la libertad y las ilusiones de eliminación de clases sociales, que la democracia se fue debilitando y es ahí que entra la dictadura.

En aquel entonces el opa repuesta nos iba a imponer un cambio ruinoso, y aquel país de nuestra niñez amortiguador, se iba quedado sin reparto, sin negociación y por ello nuestra democracia empezó a enfermar, porque nada había para repartir. No nos dábamos cuenta, pero caminábamos hacia la confrontación. Entre nostalgias y Maracanán, no podíamos verlo con claridad, pero comenzábamos a padecerlo día a día. Mientras tanto el mundo, el gigantesco mundo, se sumía en una guerra fría, una lucha entre una plutocracia con banderas de democracia y una burocracia con banderas de socialismo. Fueron años de estancamiento, de utopía militante, nos terminamos jugando todo, como muchos otros, sufrimos, e hicimos sufrir y somos conscientes (LOMÁSTRINADO, 2015).

El hecho de la dictadura fue muy marcante para él, pues vivió la violencia que implicaba, incluso fue preso, él describe esa época como sin negociación, sin libertades, de hecho, se les ahogó todas sus esperanzas reflejadas en ideales del Che y la Revolución Cubana, habiendo perdido lo máspreciado que era la democracia. Se vivía con la nostalgia y muchos sufrimientos. Posteriormente pudo darse cuenta de lo aprendido en esos años de reflexión, cuando dice:

Mucho más humilde, mucho más humildes y republicano, porque nos quedó incrustados que nadie es más que nadie, sobrios, sincera sectas, livianos de equipaje, para tener la mayor cantidad de tiempo libre y volcarlo socialmente a lo largo de nuestra existencia, por ser nuestra forma de felicidad posible. Al cabo de tanto trajín, supimos que la lucha que se pierde es la que se abandona, pero también, también querido pueblo, saber que no hay ningún final, sino el camino mismo, y que muchos otros, arrimarán lo suyo y continuarán el camino de luchas (LOMÁSTRINADO, 2015).

Conforme se ve arriba, Mujica defiende la vida y el tiempo libre productivo, por sobre todas las cosas, siempre haciendo referencia al egoísmo natural que lleva el hombre por dentro

para defender a los seres que nos rodean, se vive en un conflicto entre el egoísmo y la solidaridad.

Considerando todos los discursos, Mujica considera que, en este contexto de globalización e injusticias con los más débiles, estos deben buscar prepararse en defensiva y para ello se enfoca en la economía y en la inteligencia, partiendo desde MERCOSUR. Cree que la unificación de los países de la región y la cooperación de todos entre sí, dejando de lado las diferencias, para juntarse y trabajar en equipo es un buen camino. Ese mismo desafío queda para dentro del país, siendo un gran desafío para la política. Debido a que las organizaciones internacionales, que defienden a los Estados en el mundo, están influenciados por los poderosos, para Mujica, América Latina debe proteger sus recursos naturales en un conjunto, para que se pueda proteger y en un futuro, cuando hagan falta los recursos, y los países centrales quieran declarar patrimonio de la humanidad a los recursos de América Latina, que esto no suceda. De acuerdo con Mujica, no se deben desperdiciar las oportunidades y América Latina tiene potencial, quizá sea su oportunidad, frente a estos cambios, hay que basarse en la tecnología e inteligencia. Más allá de lo que se conoce de Mujica como socialista, deja constar en estos discursos que la macroeconomía y la estabilidad del país son indispensables para poder gobernar.

CONCLUSIÓN

Este trabajo se propuso a examinar las ideas expresadas en los discursos del presidente uruguayo en el período de 2010 a 2015. Sobre la verificación si la dirección para la cual su gobierno apuntó en sus relaciones comerciales está de acuerdo con lo que el ex presidente discursaba, se concluyó que los discursos de José Mujica no se distancian de la realidad. Ello reconoce en los discursos desde asunción de su mandato hasta su final, que Uruguay es un país periférico y dependiente, por ello procura accionar de modo a no perjudicar al país, sin embargo, expresa su pensamiento de que sería mejor si la realidad del sistema internacional fuera diferente, con más cooperación y trabajo conjunto, sin dominantes ni dominados.

Sobre la hipótesis empírica, se verificó que la dirección de las relaciones comerciales de Uruguay en el periodo analizado, están volcadas para los países centrales, tanto global como regionalmente. Los principales socios de exportaciones e importaciones son Brasil, Argentina, Estados Unidos y China. Siendo así, las relaciones de Uruguay no están en desacuerdo con el discurso, pero si con el pensamiento de Mujica y lo que él considera ser un sistema internacional más justo. Siguiendo esta lógica la hipótesis teórica se confirma, pues la condición de periferia y dependencia de Uruguay limita la autonomía del país en sus decisiones.

En base a todo lo mencionado hasta aquí, existe un mundo globalizado, compuesto por centros y periferias, siendo una de estas periferias Uruguay. Un país dependiente de los centros hegemónicos, dentro de un sistema capitalista, en el que los países hegemónicos buscan satisfacer sus intereses a costas de los más débiles. Siendo Uruguay un país dependiente, con su economía basada en la exportación de las materias primas e importación de productos industrializados. Cabe destacar que sus cuatro socios económicos principales son China, Brasil, Argentina y Estados Unidos, quedando evidente que no es únicamente dependiente de los centros, sino que también de los dos principales países de la región, es decir, Uruguay es periférico no solo en el sistema internacional, sino que también es periférico en la región.

Ante las vulnerabilidades a las que están sujetos los países de la región, Mujica hace hincapié en protegerse de los intereses de los países poderosos y lo hace uniéndose a los de la región a través del MERCOSUR, con vistas en la unidad y el trabajo en equipo, como desafío político, incluso por ser el MERCOSUR muy importante para Uruguay en sus mercados, principalmente con los dos líderes regionales, Argentina y Brasil.

El destino de los países periféricos y dependientes como Uruguay deben ajustarse al sistema que les rodea para no ser tan perjudicados, Uruguay busca refugio en el MERCOSUR, como fuerte principal de la región, porque sabe que solo no lo conseguirá, estar preparado para los desafíos del futuro ante los países centro, todo lo que ocurre en los países centro influye en los periféricos. Debido a esto es que para José Mujica es un gran desafío tener el pensamiento que él tiene, que apunta a una realidad que en este momento no es viable para Uruguay, por ello en sus discursos él dice lo que piensa, pero también trata sobre la realidad del país y los asuntos económicos, que son de gran relevancia para la subsistencia del país. Por ende, lo que podría diferenciar a José Mujica de otros presidentes es el querer la unidad en las decisiones estratégicas, tanto de partidos como de países de la región con el aporte de las diferencias, para así complementarlas, aprendiendo a vivir con las diferencias, ya el en el resto de las decisiones sigue el padrón que tienen los gobiernos de izquierda.

Con todo lo mencionado, se concluye que la hipótesis de la investigación, de que el gobierno uruguayo toma decisiones contradictorias a sus ideales porque sus intereses se ven involucrados, por ser un país dependiente dentro del sistema global, se verifica. Porque más allá de que José Mujica tenga ideales que van en contra de sus decisiones, de no accionar de ese modo, pondría afectar al país por completo, además de las experiencias que ya ha tenido por cerrarse al mundo. Esto se da por no tener el país la fuerza suficiente para enfrentar al sistema, por su tamaño, principalmente por su población pequeña, su gran dependencia de la región y del mundo. Por ello Mujica debe dar continuidad al funcionamiento como estrategia, que se viene aplicando en el país desde los gobiernos que le anteceden.

BIBLIOGRAFÍA

ABREU, S. La inserción externa del Uruguay: una visión política y estratégica. In: PROYECTO RAÚL PREBISCH **Diplomacia Estrategia y Política (DEP)**. Brasília: Proyecto Raúl Prebisch, 2006. p. 256. ISBN 1808-0480.

ARGANDOÑA, A. La corrupción y las empresas. **IESE Business School-Universidad de Navarra**, Navarra, Mayo 2007.

BARBOZA, J. La responsabilidad internacional, p. 1-32. Disponible em: <http://www.oas.org/es/sla/ddi/docs/publicaciones_digital_xxxiii_curso_derecho_internacional_2006_julio_barboza.pdf>.

BEAUCHESNE, K. **Visión periférica marginalidad y colonialidad en las crónicas de América Latina (siglos XVI-XVII y XX-XXI)**. Madrid.: Iberoamericana, 2013. ISBN 978-84-8489-744-6.

BELLAMY, J. F. El redescubrimiento del imperialismo. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, 2006. ISSN 987-1183-52-6. Disponible em: <https://scholar.google.es/scholar?as_sdt=0,5&q=El+redescubrimiento+del+imperialismo&hl=es>.

DI FILIPPO, A. Las ideas de Prebisch sobre la economía mundial. In: CEPAL **REVISTA DE LA CEPAL N° 34**. Santiago: CEPAL, 1988. p. 165-175.

FELLMANN VELARDE, J. **Memorandum sobre política exterior boliviana**. 2. ed. La Paz: Librería y Editorial "Juventud", 1967.

HOPENHAYN, B. Prebisch pensador clásico y heterodoxo. In: CEPAL **REVISTA DE LA CEPAL N° 34**. Santiago: CEPAL, 1988. p. 177-188.

LÊNIN, V. I. **O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: Navegando Publicações, [1917] (2011). ISBN 978-7713-130-0.

LOMÁSTRINADO. José Pepe Mujica y su último discurso en MERCOSUR - Last speech by the president. **YouTube**, 2014. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Ejcs9UvXxU>>. Acceso em: Viernes Noviembre 2017.

LOMÁSTRINADO. José Pepe Mujica dejó la presidencia con emotivo discurso a su pueblo. (CEREMONIA Y HONORES). **YouTube**, 2015. Disponible em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RUFF2WA8CrQ>>. Acceso em: Viernes Noviembre 2017.

MARTÍNEZ, J. P. La estructura teórica Centro/Periferia y el análisis del Sistema Económico Global: ¿obsoleta o necesaria? **Revista de Economía Mundial**, Huelva, n. 29, p. 29-59, 2011. ISSN 1576-0162. Disponible em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86622169001>>.

MARTINS, P. H. América Latina como expresión del sistema-mundo en la organización de los modelos de desarrollo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 331-346, Maio/Ago 2013. ISSN 0103-4979.

OPERTTI, D. B. Política exterior del Uruguay. In: **PROYECTO RAÚL PREBISCH Diplomacia Estrategia y Política (DEP)**. Brasília: Proyecto Raúl Prebisch, v. 1, 2004. p. 231. Disponível em: <<http://minhateca.com.br/Ronald123/Revista+DEP>>.

PONS, J. O.; PONS BELMONTE, N. F. "Discurso de asunción como Presidente de Uruguay" José (Pepe) Mujica. **CONSTITUCION WEB**, 2010. Disponível em: <<http://constitucionweb.blogspot.com.br/2010/03/discursode-asuncion-como-presidente-de.html>>. Acesso em: Viernes Noviembre 2017.

PREBISCH, R. **Nueva política comercial para el desarrollo**. D. F.: Fondo de Cultura Económica, S. A. de C. V., 1987. ISBN 968-16-0120-3.

PREBISCH, R. **O Manifesto Latino-Americano e outros ensaios**. Tradução de Vera Ribeiro; Lisa Stuart e César Benjamin. 1. ed. Rio de Janeiro: Compronto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011. ISBN 978-85-7866-041-3.

QUIROZ, F. B.; TORO, J. C. M. Imperialismo del siglo XIX. **Dirección de investigación de la Universidad Bío-Bío**, San Paulo, p. 1-9, 2010. ISSN ISSN: 0716-9671.

SAGGIORO, A. G. Hegemonia e Imperialismo: Caracterizações da Ordem Mundial Capitalista após a Segunda Guerra Mundial. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 155-177, janeiro/junho 2010. ISSN 0102-8529.

SCHNEIDER, B. R. Las relaciones entre el Estado y las empresas y sus consecuencias para el desarrollo: una revisión de la literatura reciente. **Desarrollo económico- revista de ciencias sociales**, Buenos Aires, v. 39, n. 153, p. 45-75, Abril-Junio 1999.

SHOU-GUANG, X.; XIAN, G. Hegemonia e política mundial: a guerra contra o Iraque e depois. In: SANTOS, T. D. **Os impasses da globalização**. Tradução de Noéli Correia Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, v. 1, 2003. p. 248-251.

TALLER URQUIA-MARÚ. Discurso de José Pepe Mujica en la CELAC. **Cuadernos y caminos**, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/Florencia/Desktop/uba/Cuadernos%20y%20caminos_%20Discurso%20de%20Jos%C3%A9%20Pepe%20Mujica%20en%20la%20CELAC.html>. Acesso em: Viernes Noviembre 2017.

URGUAY. **68° período de sesiones de la Asamblea General de las Naciones Unidas, intervención del Sr. Sr. José Mujica Cordano**. Nueva York: Misión Permanente del Uruguay ante las Naciones Unidas. 2013.

URUGUAY. **Discurso pronunciado por José Mujica en la cumbre Río+20**. Río de Janeiro: Río+20. 2012.

URUGUAYXXI. Ficha País-Argentina. **Uruguay XXI**, Octubre 2016. Disponível em: <www.uruguayxxi.org.uy>. Acesso em: 4 Noviembre 2017.

URUGUAYXXI. Ficha País-China. **Uruguay XXI**, Jilio 2016. Disponível em: <www.uruguaixxi.org.uy>. Acesso em: 4 Noviembre 2017.

URUGUAYXXI. Ficha País-Brasil. **Uruguay XXI**, Julio 2017. Disponível em: <www.uruguayxxi.org.uy>. Acesso em: 4 Noviembre 2017.

WALLERSTEIN, I. **Ánalysis de Sistema Mundo**. Mexico: Siglo XXI, 2004.